

vida pastoral

março-abril de 2026 • ano 67 • número 368

**“Ele veio
*morar***

entre nós”

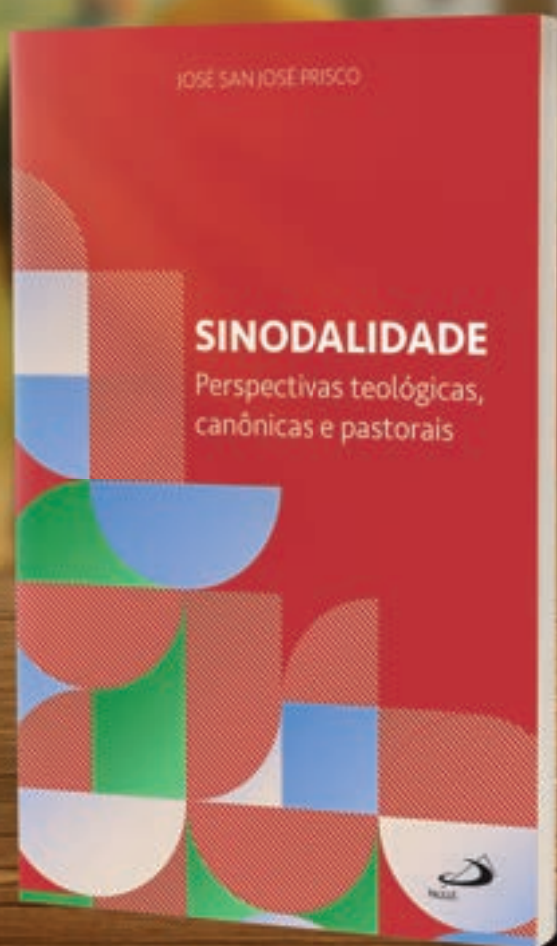
João 1,14



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2026

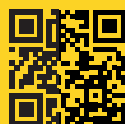
Fraternidade e Moradia

Um só coração, muitas vozes.



*A jornada sinodal é
um convite para você.
Um chamado à escuta
e ao diálogo para
construirmos juntos
uma Igreja onde cada
voz importa.*

***Faça parte dessa
transformação.***



**ADQUIRA
JÁ!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

A casa, além de suprir uma necessidade básica, transcende o espaço e o tempo, consolidando-se como um pilar antropológico, o nosso “ponto fixo” no mundo, de modo que o espaço é responsável por moldar as memórias em nós. Recordo-me, por exemplo, da infância vivida na Casa Velha do Alto, onde moramos por tanto tempo, no Sítio Angico, Quixelô-CE. Lembro-me daquela vista para o nascente; do alpendre avistávamos as águas do açude e a serra azulinha lá no horizonte. A cor avermelhada dos grandes tijolos das paredes sem cal e nosso outão, que cedo da tarde fazia sombra. Ali era nosso espaço de encanto, onde tudo era lúdico e eterno. À noite, o vento aracati assobiava nas frestas das portas, adentrando e refrescando todos os cômodos da casa.

A casa é afeto. É o ponto de partida sobre o qual organizamos o mundo, a vida se estabiliza e se arraiga em todos os espaços de nossa existência. O sociólogo e filósofo francês Maurice Halbwachs, ao estudar a memória, argumentava que as lembranças individuais se ancoram em quadros sociais, muitas vezes ligados a espaços físicos. A casa, o lar, é o primeiro e mais íntimo desses quadros, o *locus* onde o indivíduo constrói seu senso de permanência e pertencimento. A falta desse ponto fixo gera desorientação e fragilidade existencial.

Na Bíblia, a busca pelo ponto fixo está ligada à Terra Prometida. O povo de Deus é marcado pela dupla tensão da peregrinação e da busca por uma terra. Abraão é chamado a deixar sua casa (Gn 12,1), vivendo como estrangeiro, mas a presença de Deus era centralizada no Tabernáculo (*miskan*), uma morada provisória. A casa (*bayit*) adquire um significado de linhagem e, simbolicamente, remete à Casa de Deus (Templo). O Salmo 23,6 expressa essa segurança: “habitarei na Casa do Senhor por longos dias”.

O Novo Testamento radicaliza essa perspectiva. O lema da Campanha da Fraternidade 2026, “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), atesta que o *logos* se encarnou (*eskenosen*), aceitando assumir nossa frágil condição humana. Jesus, sem “onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20), mostra a provisoriidade terrena. A morada divina se interioriza: os cristãos são o “Templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19). A promessa suprema é celestial: “na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo 14,2), a “casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2Cor 5,1). A morada torna-se a comunhão eterna, estabelecendo o cristão como peregrino na terra, mas cidadão do céu (Fl 3,20).

A Campanha da Fraternidade deste ano é um grito por todos os que ainda não têm um lugar neste mundo. Antes de tudo, é um apelo à fraternidade. Um único irmão sem teto deveria ser causa de escândalo. Assim fica claro que a busca por um teto seguro não pode ser apenas uma promessa celestial ou um conceito filosófico abstrato. No contexto brasileiro, onde milhões vivem em condições sub-humanas ou sob ameaça de despejo, a moradia digna é um clamor de justiça social.

Se o Verbo de Deus instalou sua tenda entre nós, a nossa responsabilidade ética e política é assegurar que ninguém seja expulso do convívio fraterno por falta de um lar. Urge a implementação de políticas públicas que garantam o direito constitucional à moradia, transformando o “ponto fixo” de cada indivíduo em uma realidade de dignidade e segurança. O direito de ter um lugar no mundo é o direito de ser plenamente humano. É, pois, tempo de mover as estruturas para que a Casa do Pai seja refletida na terra com justiça. Como reza a Oração Eucarística V, o Senhor nos proteja “nas estradas do mundo rumo ao céu”.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros
ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 • Nº 368
março • abril de 2026



© PAULUS – 2026
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

Revisão

Alexandre Santana
Luiza Tenuta

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

SUMÁRIO

A QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL: UM DESAFIO À FRATERNIDADE

Pe. Jean Poul Hansen 4

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2026: “ELE VEIO MORAR ENTRE NÓS” (Jo 1,14)

Ir. Dra. Zuleica Aparecida Silvano 10

IRMÃOS E IRMÃS EM SITUAÇÃO DE RUA: “NÃO HAVIA LUGAR PARA ELES NA HOSPEDARIA” (Lc 2,7)

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães 20

GRACILIANO RAMOS E PERSONAGENS DO DRAMA SOCIAL BRASILEIRO

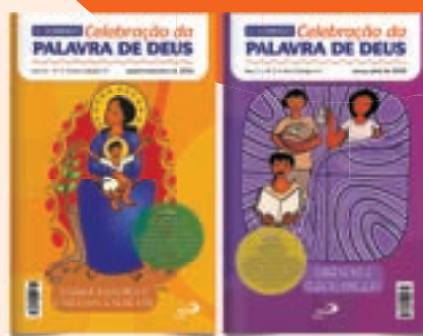
Prof. Dr. Faustino Teixeira 26

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi (LASR)

Pe. Ms. Francisco Cornélio Freire Rodrigues (FCFR) 36

NOVIDADE!



Revista Celebração
da Palavra de Deus.



Adquira
já

FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:
paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

📞 (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 – Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Rua Camboa do Carmo, 83
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracasé@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 – Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Pe. Jean Poul Hansen*

*Pe. Jean Poul Hansen pertence ao clero da diocese da Campanha-MG. É doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral na PUC-Rio e desempenha a missão de secretário executivo de Campanhas da CNBB em Brasília-DF. E-mail: campanhas@cnbb.org.br

A QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL

Um desafio à fraternidade

Sensíveis à questão da moradia, que limita a vida de tantos irmãos e irmãs nossos, atentos à Palavra de Deus e dispostos à ação, é a fraternidade – elemento fundamental da fé cristã – que queremos guardar e promover na campanha que anualmente, no Brasil, tem lugar no tempo da Quaresma. Por isso a chamamos de Campanha da Fraternidade.

INTRODUÇÃO

Um dos elementos fundamentais da Boa-nova trazida e anunciada por Jesus é nossa comum condição de filhas e filhos de Deus e, conseqüentemente, nossa fraternidade absoluta e universal. Quer dizer: faz parte do núcleo da nossa fé cristã o fato de que – em decorrência da nossa comum criação por obra e livre vontade do Pai, por termos sido adotados como filhas e filhos no Filho, Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e por sermos habitados e santificados pelo mesmo Espírito Santo – todos os seres humanos somos irmãs e irmãos, sem nenhuma exclusão possível.

Na sua primeira mensagem para o Dia Mundial da Paz (1º de janeiro de 2014), o papa Francisco recordou esta verdade como nossa origem e nosso projeto de vida:

A raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus. Não se trata de uma paternidade genérica, indistinta e historicamente ineficaz, mas do amor pessoal, solícito e extraordinariamente concreto de Deus por cada um dos seres humanos (cf. Mt 6,25-30). Trata-se, por conseguinte, de uma paternidade eficazmente geradora de fraternidade, porque o amor de Deus, quando é acolhido, torna-se o mais admirável agente de transformação da vida e das relações com o outro, abrindo os seres humanos à solidariedade e à partilha ativa (Francisco, 2013, n. 3).

Sua afirmação nos recorda que a fraternidade não é apenas uma condição criacional, mas também – e especialmente – uma decorrência

da redenção em Cristo. Segundo ele, “a cruz é o ‘lugar’ definitivo de fundação da fraternidade que os seres humanos, por si só, não são capazes de gerar” (Francisco, 2013, n. 3). E pela ressurreição fomos constituídos numa humanidade nova, em plena comunhão com a vontade de Deus e com seu projeto, que inclui a realização plena da vocação à fraternidade.

É sempre oportuno relembra esse princípio, sobretudo quando estamos diante de mais uma Campanha da Fraternidade. É essa fraternidade absoluta e universal que nos põe em campanha, pois algo a desafia. Visto que são muitos os desafios à fraternidade, a cada ano, desde 1964, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe-nos um tema atual ao qual se atrelam desafios que afrontam e destroem a fraternidade e, por isso, exigem nossa conversão. Em 2026 esse tema é a moradia.

O ponto de partida para enfrentarmos a questão da moradia, que desafia a fraternidade, é o mistério da encarnação: Deus veio a nós, assumiu nossa vida, nossa história, as contingências da nossa existência, e encheu de significado cada passo da história humana sobre a terra.

“Fraternidade e moradia” e “Ele veio morar entre nós!” (Jo 1,14) são o tema e o lema da Campanha da Fraternidade de 2026.

1. A fraternidade ameaçada pelo pecado

Antes mesmo de situar a fraternidade na revelação judaico-cristã, o papa Francisco a situou antropologicamente:

No coração de cada homem e mulher, habita o anseio de uma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em

quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar (Francisco, 2013, n. 1).

A fraternidade é dimensão essencial do ser humano, dado que somos seres relacionais. A consciência dessa dimensão deve nos levar a enxergar e tratar cada pessoa como uma irmã e um irmão. Sem essa consciência, torna-se impossível a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Nas origens, o projeto amoroso de Deus, revelado no relato do Gênesis (1-2), era que, vindos todos dos mesmos pais, nos reconheçêssemos todos como irmãs e irmãos, não obstante nossas legítimas diferenças. “Abel é pastor, Caim, agricultor. A identidade profunda deles e, conjuntamente, sua vocação é ser *irmãos*, embora na diversidade da sua atividade e cultura, da sua maneira de se relacionarem com Deus e com a criação” (Francisco, 2013, n. 2).

Entretanto, o egoísmo adâmico tomou conta de nós, invadiu nosso interior e desfigurou nossas relações com Deus, com os irmãos e irmãs e com a natureza, nossa casa comum. O pecado é a maior ameaça à fraternidade. Por isso, é preciso fazer campanha, pôr-se em marcha, enfrentar uma a uma as insídias do pecado contra a fraternidade, essa preciosidade querida por Deus para a vida humana sobre a terra e que se estenderá para a plenitude da vida no céu.

Fazemo-lo, precisamente, ao preparar-nos para celebrar o mistério pascal de Cristo, no qual ele venceu o pecado e a morte e nos ensinou o caminho para nos reconfigurarmos, por ele e nele, ao projeto original do Pai.

Jesus retoma o projeto inicial do Pai, reconhecendo-lhe a primazia sobre todas as coisas. Mas Cristo, com seu abandono até a morte por amor do Pai, torna-se princípio novo e definitivo de todos nós, chamados a reconhecer-nos nele como irmãos, porque filhos do mesmo Pai. [...] Como se lê na carta aos Efésios, Jesus Cristo é aquele

que reconcilia em si todos os homens. Ele é a paz, porque, dos dois povos, fez um só, derrubando o muro de separação que os dividia, ou seja, a inimizade. Criou em si mesmo um só povo, um só homem novo, uma só humanidade nova (cf. 2,14-16) (Francisco, 2013, n. 3).

A fraternidade é, ao mesmo tempo, a dimensão mais afetada e destruída pelo pecado e o antídoto capaz de vencê-lo, atualizando a morte e ressurreição de Cristo no seu corpo místico. Por isso, do lado aberto de Jesus crucificado nasce, com o sangue e a água que dele brotam, a Igreja, comunidade fraterna dos filhos e filhas de Deus, gerados no batismo (água) e nutridos na Eucaristia (sangue). A Igreja é a casa/mesa da fraternidade, onde, à imagem da relação intratrinitária, o amor circula de forma redentora, curando feridas, restaurando brechas, conectando distâncias, por obra e graça do Espírito Santo, até que tudo se plenifique e só reste a caridade (cf. 1Cor 13,8-13), novo nome da fraternidade plena da graça (*karis*).

Com efeito, a caridade é “o maior mandamento social” (CaIC 1889). A pobreza tem causas estruturais que devem ser enfrentadas e eliminadas. À medida que isso acontece, todos somos chamados a criar novos sinais de esperança que testemunhem a caridade cristã, como fizeram, em todas as épocas, muitos santos e santas (Leão XIV, 2025, n. 5).

2. A indiferença à questão da moradia: face atual do pecado contra a fraternidade

O que nos move na Campanha da Fraternidade é o amor fraterno, que está no coração do Evangelho e é celebrado na Páscoa.

É isso que nos faz ver e olhar a realidade de tantos irmãos e irmãs que hoje, no Brasil, vivem de modo indigno dos filhos e filhas de Deus, sem moradia ou em moradias inadequadas: “No Brasil, 6 milhões de famílias necessitam

hoje de uma moradia [...]. Outras 26 milhões de famílias moram em situação inadequada [...]. Existem mais de 300 mil pessoas vivendo na rua” (CNBB, 2025, n. 30). A sorte desses irmãos e irmãs não nos pode ser indiferente. Seria isso a derrocada da fraternidade e a vitória do pecado. Sua condição tem de doer em nós e motivar-nos a uma ação corredentora.

Os pobres não são um passatempo para a Igreja, mas sim os irmãos e irmãs mais amados, porque cada um deles, com sua existência, também com as palavras e a sabedoria que trazem consigo, levam-nos a tocar com as mãos a verdade do Evangelho. [...] Através das suas vozes, das suas histórias, dos seus rostos, Deus assumiu sua pobreza para nos tornar ricos. Todas as formas de pobreza, sem excluir nenhuma, são um apelo a viver concretamente o Evangelho e a oferecer sinais eficazes de esperança (Leão XIV, 2025, n. 5).

Por isso, olhamos com olhar crítico e responsável para as causas do abismo da desigualdade social no Brasil, realidade tão antifraterna: o ideal neoliberal do Estado mínimo e do mercado máximo que beneficia sempre mais o setor privado, especialmente o capital financeiro; o sistema tributário brasileiro, construído sobre o consumo, de tal forma que os pobres – a maioria – pagam proporcionalmente mais impostos que os ricos; o sistema da dívida pública, que leva a maior parte do orçamento do governo federal para o pagamento de juros (43% em 2024), restando pouco para a saúde (4%), a educação (3%), a moradia, entre outros.

A confluência destas duas situações – o sistema tributário e o sistema da dívida – faz com que haja uma transferência de renda da maioria da sociedade, a parte que ganha menos, para a pequena camada mais rica, que vai concentrando cada vez mais renda e riqueza (CNBB, 2025, n. 33).

JESUS, O MESSIAS DOS POBRES

POR UMA TEOLOGIA DO MESSIANISMO
LIBERTADOR E INTEGRAL

Luiz Alexandre Solano Rossi / Donizete Scardelai



Versão
E-Book

A obra aborda a imensa diversidade de textos e tradições orais que tratam do messianismo em Israel. Os autores dirigem um olhar crítico e profundo sobre a realidade bíblica, intertestamentária e rabínica, desenvolvendo com primor a afirmação do professor Israel Knohl: “Há messias antes do messias”.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“ *A Igreja é a casa/mesa da fraternidade, onde, à imagem da relação intratrinitária, o amor circula de forma redentora, curando feridas, restaurando brechas, conectando distâncias.* **”**

Além disso, temos no Brasil um processo histórico de urbanização baseado na desigualdade; um grande e poderoso mercado de especulação imobiliária; uma política injusta de despejos, remoções forçadas e reintegração de posse, com 2,1 milhões de pessoas ameaçadas. Não podemos nos esquecer que a favelização é um processo gigantesco e a favela é o modo de habitar que mais cresce no país. O Censo de 2022 encontrou 12.348 favelas e comunidades urbanas, onde viviam 16.390.815 pessoas (8,1% da população brasileira). Trata-se de números considerados subestimados, mas de qualquer modo expressivos, sem falar dos mais de 300 mil irmãos e irmãs que vivem nas ruas.

3. Terra, teto e trabalho: direitos sagrados de toda pessoa

No seu discurso aos participantes do 1º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em Roma, em outubro de 2014, o papa Francisco afirmou que “terra, teto e trabalho são direitos sagrados” (Francisco, 2015, p. 8). Por isso exortava: “nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos e nenhuma pessoa sem a dignidade que provém do trabalho” (Francisco, 2015, p. 18).

A história do povo de Deus no Antigo Testamento começa com o chamado a um homem, Abraão, e sua família, a quem Deus garante uma terra (“Sai da tua terra e vai para a terra que eu vou te mostrar” – Gn 12,1) onde

poderão habitar e trabalhar, vivendo do suor do próprio rosto. Essa história tem continuidade com o processo de libertação da escravidão imposta aos empobrecidos (*hapiru* = hebreus) pelos poderosos egípcios e seu faraó, no qual Deus garante aos hebreus uma terra onde corre leite e mel, onde haverá liberdade e fartura.

A terra, no projeto de Deus, não é uma mercadoria, um bem privado, mas um bem comum, uma propriedade coletiva, um espaço para ser habitado e cultivado a fim de garantir a dignidade humana e a convivência com as outras criaturas. “Por isso, as leis dadas [por Deus] na travessia do êxodo proíbem a venda definitiva das propriedades (Lv 25), a fim de evitar a concentração de terra nas mãos de algumas famílias, pois a terra pertence a Deus” (CNBB, 2025, n. 109).

Os profetas não se cansam de denunciar os poderosos esquemas que roubam do povo, especialmente dos mais pobres, este tríplice direito: à terra, à moradia e ao trabalho, direitos intimamente ligados.

“Na plenitude dos tempos” (Gl 4,4), o próprio Deus veio a nós; no seu Filho, Jesus Cristo, “ele veio morar entre nós” (Jo 1,14). O Verbo encarnado começa sua experiência histórica, experimentando o lugar social dos últimos, dos rejeitados da sociedade. São Lucas, no seu Evangelho, afirma que “Maria deu à luz seu filho numa estrebaria”, ou seja, no andar inferior, onde à noite a família reunia seus

animais, pois no andar de cima, o andar dos hóspedes, dos humanos, na hospedaria, “não havia lugar para eles” (Lc 2,7), não havia lugar para o Filho de Deus nascer. Essa experiência não foi passageira, acidental ou ocasional na vida de Jesus. Já adulto, peregrinando de aldeia em aldeia para anunciar e inaugurar, com suas palavras e gestos, o Reino de Deus, ele mesmo dirá: “As raposas têm tocas e os pássaros têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58).

“A vida toda de Jesus é um forte apelo a encontrá-lo na vida de tantas irmãs e irmãos que habitam nas inúmeras periferias do nosso país” (CNBB, 2025, n. 122). “Jesus encontrará lugar entre os sem-lugar, entre os rejeitados e sem-casa [...] e a sua vida será dedicada a reintegrá-los, não à mesma sociedade excludente, mas a uma nova sociedade, renovada por sua Palavra e compaixão” (CNBB, 2025, n. 123).

4. É preciso reconstruir a fraternidade no campo da moradia

Que tal, então, pensarmos em ações concretas, que exijam de nós esforço, empenho, comprometimento, mas estejam ao nosso alcance? Basta alçarmos um pouquinho o olhar ao redor de nossas casas, escolas, Igrejas e bairros e encontraremos realidades que desafiam a fraternidade: há tanta gente sem casa! Por outro lado, há também tanta casa sem gente! Há tantos irmãos e irmãs, crianças, idosos, pessoas com deficiência, em situação de rua, carentes de tanta coisa, que, porém, se alegram e se consolam com um olhar, uma palavra, um gesto que os reconheça como seres humanos, dignos filhos e filhas de Deus! Há tantas casas inadequadas que juntos poderíamos transformar, pouco a pouco, uma a uma! Há tantas políticas injustas! Há tanta necessidade de políticas públicas que facilitem o acesso à moradia digna! Para isso, contudo, precisamos escolher gestores e legisladores públicos comprometidos com essa causa e acompanhá-los no exercício de seus mandatos, por meio do controle social.

No seu primeiro discurso, no balcão da basílica de São Pedro, logo após ser apresentado ao mundo, o papa Leão XVI disse:

Devemos procurar juntos o modo de ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que constrói o diálogo, sempre aberta para acolher a todos, de braços abertos, a todos aqueles que precisam da nossa caridade, da nossa presença, de diálogo e de amor. [...] Queremos ser uma Igreja sinodal, uma Igreja que caminha, uma Igreja que procura sempre a paz, que procura sempre a caridade, que procura sempre estar próxima, sobretudo dos que sofrem.¹

Enfim, há tanto a fazer! E tanto a fazer que está em nossas mãos! Vamos à luta! Vençamos o comodismo e a indiferença. Mãos à obra! É campanha da fraternidade! **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2026: texto-base*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2025.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2015. (Sendas, n. 1).

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2020. (Documentos Pontifícios, n. 44).

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 47º Dia Mundial da Paz*: 1º de janeiro de 2014. Vaticano, 8 dez. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html. Acesso em: 2 out. 2025.

LEÃO XIV, Papa. *Mensagem para o 9º Dia Mundial dos Pobres*: 16 de novembro de 2025. Vaticano, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/poor/documents/20250613-messaggio-giornata-poveri.html>. Acesso em: 2 out. 2025.

¹ Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-primeiras-palavras-basilica-sao-pedro-paz.html>. Acesso em: 1º out. 2025.



Ir. Dra. Zuleica Aparecida Silvano*

*Zuleica Aparecida Silvano é irmã paulina, doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), mestra em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico e assessora do Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas). E-mail: zuleica.silvano@paulinas.com.br

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2026

“Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14)



O artigo visa oferecer uma abordagem panorâmica acerca do conceito de “casa”, “moradia” ou “morada” na Sagrada Escritura, articulando esses significados com a temática da moradia e, de modo particular, com o lema da Campanha da Fraternidade 2026, extraído do Evangelho segundo João (1,14): “Ele veio morar entre nós”. Busca-se, ao final, indicar algumas possibilidades de vivência da campanha no tempo quaresmal.

INTRODUÇÃO

Na Bíblia, o termo “moradia” tem múltiplos significados. A palavra “casa” pode designar um espaço físico, uma construção; um bem ou propriedade; a família e a descendência; a morada divina, como lugar da presença de Deus; a comunidade de fé; ou pode assumir sentido escatológico e espiritual. Este texto visa apresentar o conceito de “casa” na Sagrada Escritura e refletir sobre o lema da Campanha da Fraternidade 2026: “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), priorizando os significados ligados à moradia digna e aos direitos relacionados a ela.

1. Casa como bem e propriedade

A luta pelo direito à “moradia”, na Bíblia, está vinculada à luta pela distribuição da terra e pelo trabalho digno. Ainda que esse movimento por direitos possa ser percebido desde o período em que o povo era nômade, torna-se mais evidente quando este passa a viver de forma sedentária, dedicando-se à agricultura. De fato, inicialmente o povo subsistia por meio de atividades pastoris e vivia em moradias provisórias, condicionadas aos locais que ofereciam pasto para os rebanhos. Nesse período, em que eram comuns os conflitos entre diferentes grupos, os mais fortes prevaleciam, permanecendo em territórios mais férteis e expulsando os mais frágeis, que, por falta de recursos, muitas vezes não sobreviviam.

Um grande desafio na história de Israel é explicar quando o povo se estabeleceu em Canaã, no final do segundo milênio antes de

Cristo, e como se tornou sedentário. Diversas teorias procuram responder a essa questão (Silva, 2022, p. 15-39), mas não entraremos nessa discussão.

Nos relatos bíblicos, vários grupos se unem em cidades e territórios em busca de subsistência. A história de José ilustra esse processo, mostrando que, por causa da seca, o povo migra para o Egito, onde encontra condições de vida, mas depois sofre com a escravidão. É claro que fatores naturais estavam presentes, mas havia governantes que, prevendo tais dificuldades, se organizaram para sobreviver, sem se preocupar em favorecer o povo com recursos.

Após a travessia pelo deserto (Ex 12-24), o povo conseguiu se fixar em Canaã (Nm 20-36), convivendo com quem já habitava a região e tornando-se sedentário. Nesse sentido, o termo “casa” passa a designar a “terra” e a “propriedade” coletiva, o espaço de habitação e de subsistência garantida pela agricultura (Js e Jz). Ainda que em Josué se descreva uma conquista bélica, os estudos indicam que, na realidade, o povo se estabeleceu em terras abandonadas. A finalidade da narrativa da distribuição da terra entre as tribos (Js 13-21) é destacar a condição anterior, marcada pela falta de direitos e pela vida como peregrinos e migrantes, e a condição posterior, caracterizada pela liberdade e pela possibilidade de viver dignamente numa terra entendida não como propriedade privada, mas como bem coletivo. Dessa forma, não é possível falar em moradia sem ter presente a concepção de terra como algo dado primeiramente por Deus e, depois, em

herança, sendo, portanto, um bem sagrado, assim como a moradia presente nessa terra. Por isso, era proibida sua venda (Lv 25,23-28; Nm 36,5-12). O episódio de Nabot ilustra bem esse princípio (1Rs 21) e enfatiza a denúncia de que tirar o direito de uma pessoa é também um pecado contra Deus. Quando tais práticas se tornam recorrentes, configuram um pecado estrutural, que clama aos céus.

Essa Terra Prometida sempre foi motivo de disputa entre os grandes impérios; não tanto por sua riqueza, mas por estar localizada em um corredor estratégico de passagem, facilitando a expansão territorial dessas potências. O povo, assim, foi vítima de guerras, destruição e exílios. Muitas vezes presenciou a devastação de suas casas, a ocupação de seus campos por exércitos invasores e o saqueio de seus bens. Por isso, nos projetos de reconstrução no pós-exílio, destacam-se a reconstrução da morada de Deus (Ez 40-47) e a redistribuição da terra entre as tribos (Ez 48).

Quanto às leis que preservavam o direito à terra, citamos Lv 25,23-34. Essas leis prescreviam o resgate de terras ou pessoas em situação de dívida, reforçando a ideia de que ninguém deveria ser privado definitivamente de sua moradia ou liberdade. Com a estrutura familiar ampliada, prevalecia um sistema de subsistência em que a solidariedade e a colaboração eram essenciais para garantir as necessidades básicas. Aos poucos, tornou-se imprescindível adquirir outros produtos por meio da troca ou da compra. Para tal intento, era indispensável um excedente de produtos agrícolas que, por sua vez, dependia da capacidade de troca e de um “investimento” maior. Esse panorama econômico e político gerou a perda de propriedade por endividamento (Gerstenberger, 2014, p. 206; Kippenberg, 1988, p. 39). Tais mudanças possibilitaram a concentração de terras (Westbrook, 1991, p. 44-52) e a exploração de membros do grupo familiar, causando a pobreza da grande maioria

À SOMBRA DO ALTÍSSIMO

A RELAÇÃO SINGULAR ENTRE O ESPÍRITO SANTO E MARIA

Jonas Nogueira da Costa



Versão
E-Book

A teologia cristã sempre esteve ciente da relação singular entre o Espírito Santo e Maria. Contudo, no decorrer da elaboração teológica ocidental e na evolução das múltiplas formas de devoção mariana, o Espírito Santo foi aos poucos eclipsado por causa do maximalismo mariano. O autor compila e comenta esse debate.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



e originando a desigualdade econômica e social (Kippenberg, 1988, p. 22-39). A escassez de recursos naturais e manufaturados, as catástrofes naturais, os abalos políticos, o sistema pesado de tributos cobrados pelo templo (Ez 22,12; 18,8.13.17; Pr 28,8; Ne 5,1-7) e pelo império (Ne 5,15; 10,33), bem como a ruptura com o sistema solidário de parentesco, provocaram a migração, o empobrecimento e a escravidão.

É nesse cenário que se compreende a importância dessas leis, que buscavam evitar o empobrecimento extremo, a perda definitiva da terra, e estabeleciam como critério a proibição da venda definitiva da terra, por pertencer a Deus (Lv 25,23-24) e ser um dom divino, cabendo ao grupo de parentesco apenas o direito de usufruto. Assim, há a unificação do caráter sacro da terra (ela pertence a Deus) e da organização social do Antigo Israel, partindo do princípio de que a terra não é vendável; e se, por motivos de sobrevivência, for vendida, deve ser resgatada para manter a ordem social. A inalienabilidade da terra pode ser interpretada à luz do princípio de que a terra, tanto no sentido amplo (o mundo) quanto no restrito (terra de Canaã), é o lugar da morada de Deus; ele é o Criador, e o ser humano recebe a missão de cuidado e de cultivo do que foi criado, não podendo usá-la para seu bel-prazer. Por conseguinte, a lei do jubileu evita a concentração de terras nas mãos de uma única família e atribui à família a responsabilidade de assumir o papel de resgatador (*goel*) do parente que, por causa de dívidas, fosse obrigado a vender suas terras ou até mesmo a si próprio com sua família. A função do resgatador era devolver ao parente a terra e a liberdade mediante o pagamento da dívida (Lv 25,25-28; 35-43; 47-55; Silvano, 2018, p. 43-58; 2025, p. 1-12). A ideia de que a terra é um dom divino está igualmente presente em toda a travessia do deserto. A experiência do êxodo tinha como meta não somente a “obtenção de uma terra”, mas

também a construção do santuário, morada de Deus no meio do povo. Essa constatação não deseja atribuir menor importância à terra em relação ao santuário, e sim recordar que ela era sagrada, destinada exclusivamente a garantir vida e dignidade ao povo, e não a reduzir-se a mercadoria.

2. A casa como família e descendência

A casa assume significado simbólico, representando a família – entendida não apenas como um núcleo formado por laços sanguíneos, mas também como uma unidade social estruturada por vínculos legais e sociais – e também os clãs e as tribos, que constituíam uma unidade familiar, chamada “grupo doméstico”. A casa, entendida como família, era também concebida como lugar de proteção, abrigo, segurança e cuidado. Esse aspecto não era oferecido por nenhuma estrutura social ou política, conforme se observa na Bíblia. No âmbito familiar, pode ser vista também como “descendência”, isto é, como aqueles que fazem parte da mesma linhagem (Ex 2,1; Is 7,13; Mc 6,4; Lc 1,27).

No sentido de proteção e cuidado dos membros mais vulneráveis no âmbito familiar, percebe-se a exortação para as famílias cuidarem das viúvas e respeitarem os idosos (1Tm 5,3-4). Quando a família não tinha condições, essa assistência era dada pela comunidade.

3. Jesus como lugar da presença de Deus em nosso meio (Jo 1,14)

Segundo Jo 1,14, o Filho de Deus, ao assumir a condição humana, veio habitar em nosso meio. Essa expressão remete às manifestações de Deus em Israel: no deserto, na tenda da reunião (Ex 26; Nm 7,89) e no templo. Da mesma forma que Deus morava no meio do povo (Lv 1,1), também a comunidade pode se encontrar com Ele em Jesus, no qual se tornam visíveis os sinais da presença da “glória” divina (Sl 29,9; Is 6,3), de sua presença em diálogo com a humanidade (1Rs 8,30-53).

Então, a manifestação de Deus, de sua glória (de sua ação potente), de sua presença, bem como o acesso a Ele, não estarão no Santo dos Santos, onde apenas poucos podiam entrar, mas na pessoa de Jesus, associada à sua carne. O termo “carne” não só expressa toda a fraqueza e fragilidade na qual se desenvolve a existência humana (Is 40,6-8), mas também define o ser humano como um ser em relação com outras pessoas. “Carne” e “corpo” são conceitos relacionais. Assim, toda a ação de Jesus será a manifestação da ação salvífica de Deus e de seu Reino, e tem seu ponto culminante em sua morte na cruz (Jo 12,23-28). Portanto, a cruz será a manifestação decisiva do amor e da solidariedade de Deus e do seu Filho para com toda a humanidade.

Contudo, a glorificação de Jesus não acontece somente na cruz, mas também em toda sua vida histórica (carne). Toda sua vida é revelação da graça e da verdade de Deus (Jo 3,16). No prólogo, não há referência à morte de Jesus, o que acentua que sua própria humanidade é a graça de Deus em nosso meio. Por esse motivo, o fundamental é a vinda de Jesus como luz e vida para todos, o que se exterioriza em sua carne, dado que ele veio para que “todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Portanto, em sua humanidade, experimentamos quem é Deus e quem é o ser humano, e encontramos a manifestação do plano de amor de Deus. À vista disso, a comunidade é convocada para dar testemunho de que a morada definitiva de

“ *A luta pelo direito à ‘moradia’, na Bíblia, está vinculada à luta pela distribuição da terra e pelo trabalho digno.* ”



Deus é a vida doada e entregue de Jesus, realizando a promessa feita no Antigo Testamento (Lv 26,11-12; Ez 37,26). A presença de Deus não só recorda de onde viemos e quem somos, mas também abre nosso olhar para discernir em direção a que meta se encaminham nossa vida e a história (Ap 21,22; Jl 4,17-18).

CONCLUSÃO

Como vimos, o termo “casa” ou “moradia” (morada) na Bíblia assume vários significados e traz profundas implicações teológicas. A pergunta que, contudo, permanece é: o que esses significados de “casa” e, de forma especial, a citação de Jo 1,14 podem nos ajudar a refletir sobre a Campanha da Fraternidade, que traz como tema a moradia? Eles contribuem para ressaltar o objetivo da CF-2026, que é promover moradia digna como “direito e prioridade”, e para ampliar nossa visão, dado que a moradia, na Palavra de Deus, abarca os chamados três “Ts”: terra, teto e trabalho. Ao mesmo tempo, ajudam-nos a tomar consciência de que a moradia não é mercadoria, mas dom concedido a todos, e de que é necessário haver leis que garantam esse dom.

Com os conceitos bíblicos de casa, percebe-se que a ideia de moradia vincula-se à de construção de um espaço para morar, mas também supõe condições dignas para conviver, como um lugar seguro para permanecer e estabelecer vínculos.

Quanto a Jo 1,14, é importante retomar o que foi dito: diante das mudanças de concepção de moradia na Bíblia, da tenda para o palácio, também se altera a concepção de Deus. Passa-se de uma mais acessível para a de um rei em um palácio, sentado em um trono. No entanto, não é por esse caminho que Deus opta a fim de se manifestar plenamente, mas escolhe habitar na “carne de Jesus Cristo”, o Filho de Deus encarnado. Isso também transforma nosso modo de conceber o Deus de Jesus Cristo: ele não é alguém distante dos problemas

OS PILARES DA NOSSA FÉ

Com textos cuidadosamente selecionados e comentados em uma linguagem clara e acessível, você terá em mãos a sabedoria que alicerçou os dogmas, a liturgia e a espiritualidade da Igreja que amamos.



PERMITA-SE DESCOBRIR A SABEDORIA
QUE MOLDOU O CRISTIANISMO



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



**COMPRA
AGORA!**

Os primeiros teólogos da Igreja
nos levam pelas Escrituras para
contemplar o Criador, o Deus da
Aliança, o Pai amoroso cuja promessa
ecoa por todo o Antigo Testamento.

Guiado pelos Pais da Igreja,
celebre o encontro definitivo que
mudou o mundo para sempre
na pessoa de Jesus Cristo.



CONTEMPLA O CAMINHO DE DEUS
AO ENCONTRO DO HOMEM



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @editorapaulus



**COMPRA
AGORA!**

“ *A ideia de que a terra é um dom divino está igualmente presente em toda a travessia do deserto. A experiência do êxodo tinha como meta [...] a construção do santuário, morada de Deus no meio do povo.* ”

sociais e políticos, mas aquele que se envolve com nossa realidade; não está num palácio, numa transcendência apartada de nós, mas na vida humana de Jesus e de todos os crucificados de nosso mundo. Assim, podemos perceber que os fundamentos dos direitos humanos estão na dignidade da pessoa humana, conforme vimos em Jesus, que assume essa condição para mostrar que o ser humano é o lugar onde Deus habita e escolheu morar. Por conseguinte, tudo o que vai contra o ser humano e sua dignidade afeta o próprio Deus, pois tudo o que diz respeito à vida humana e à sua dignidade tem a ver com Ele, com Jesus e com nossa fé, com cada um e cada uma de nós, que optamos por seguir Jesus e tornar seu Reino visível em nosso meio. Cabe ao cristão e à cristã, ao contemplar Jesus crucificado-ressuscitado, o Filho de Deus que veio habitar a “carne” humana e “morar entre nós”, denunciar todas as injustiças que ferem a “carne” e a “vida” de tantos irmãos e irmãs, pois a injustiça fere o plano de Deus, o projeto de amor que ele tem para a humanidade. Também somos convidados a denunciar esse pecado estrutural – que leva tantas pessoas a viver na indignidade – e a tomar consciência dos argumentos que justificam nossa acomodação e contribuem para que nossos irmãos e irmãs permaneçam nessa condição indigna e desumana.

Com efeito, a moradia é não apenas um problema de uma pessoa ou de uma família, mas também um problema social e religioso, pois somos chamados a exercer nossa missão

DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Altirez dos Santos / Luiz Alexandre Solano Rossi



A Doutrina Social da Igreja é um conjunto de orientações que partem dos ensinamentos das Sagradas Escrituras e ajudam a tornar o mundo um lugar melhor. Neste livro, os autores tratam dessa riqueza que a Igreja nos oferece, abordando diversos temas.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“Podemos perceber que os fundamentos dos direitos humanos estão na dignidade da pessoa humana, conforme vimos em Jesus, que assume essa condição para mostrar que o ser humano é o lugar onde Deus habita e escolheu morar.”

profética, que denuncia e traz esperança a milhares de pessoas que vivem na condição de “sem-teto, sem-trabalho e sem-terra”. Ao mesmo tempo, somos chamados a empoderar essas pessoas para que lutem por seus direitos e apresentem suas necessidades com base em suas próprias experiências. Oxalá, nesta Campanha da Fraternidade, as comunidades aprofundem a dimensão da “caridade” na perspectiva da fé bíblica, que não pode se restringir a ações assistencialistas, ainda que estas sejam importantes. Como vemos nos profetas e profetisas, nas exortações dos sábios e dos autores do Novo Testamento, caridade significa empenhar-se em procurar juntos formas de exigir e contribuir para que haja políticas públicas que assegurem o direito à moradia e à cidade e promovam transformações estruturais em nossa sociedade. Outros elementos que podem ajudar a celebrar a Quaresma são o estudo da Doutrina Social da Igreja e o incentivo aos movimentos populares, às pastorais sociais e à participação ativa em suas ações. Uma atitude cristã relevante consiste em escolher nossos candidatos e candidatas nas eleições federais e estaduais tendo como um dos critérios os temas das últimas Campanhas da Fraternidade – principalmente na escolha de deputados(as) e senadores(as) –, para que realmente sejam nossos representantes e se empenhem em defender nossos direitos à educação, à saúde, ao cuidado com a Casa Comum, à ecologia integral e, sobretudo, à moradia e à cidade.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

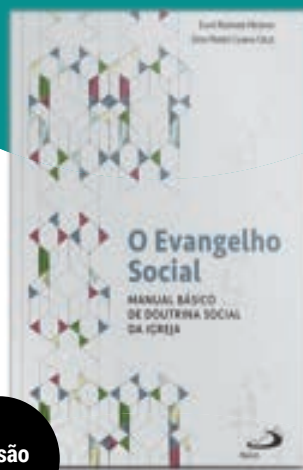
- BRITO, J. R. de. *O Senhor está neste lugar e eu não sabia: teologia da presença*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Bíblia em Comunidade. Série Teologias Bíblicas, n. 4).
- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2026: texto-base*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2025.
- GERSTENBERGER, E. S. *Israel no tempo dos per-
sas: séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo:
Loyola, 2014. (Bíblica Loyola, n. 67).
- KIPPENBERG, H. G. *Religião e formação de classes
na antiga Judeia: estudo sociorreligioso sobre a
relação entre tradição e evolução social*. São
Paulo: Paulinas, 1988. (Bíblia e Sociologia, n. 4).
- REDE, M. *Família e patrimônio na Antiga Mesopo-
tâmia*. Rio de Janeiro: Mauad X: CEIA-UFF,
2007. p. 22-24.
- SILVA, A. J. da. O problema das origens de Israel
e o livro de Josué. In: VITÓRIO, J.; LOPES,
J. R.; SILVANO, Z. A. (org.). *Livro de Josué:
nós serviremos ao Senhor*. São Paulo: Paulinas,
2022, p. 15-39.
- SILVANO, Z. A. “G’L” como chave hermenêutica
para a “redenção” na carta aos Gálatas em diálogo
com “Textes messianiques” de Emmanuel Lévinas.
Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade
Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Hori-
zonte, 2018.
- SILVANO, Z. A. O jubileu e a função do resga-
tador em Lv 25,23-34. *Perspectiva Teológica*,
Belo Horizonte, v. 57, n. 3, p. 1-25, 2025.
- WESTBROOK, R. *Property and the family in
biblical law*. Sheffield: Academic Press, 1991.
p. 44-52. (JSOT.SS, n. 113).



O EVANGELHO SOCIAL

MANUAL BÁSICO DE DOCTRINA
SOCIAL DA IGREJA

Elvis Rezende Messias / Dom Pedro Cunha Cruz



Versão
E-Book

Neste livro, os leitores terão a oportunidade de conhecer as estruturas fundamentais da Doutrina Social da Igreja, encontrando sólidas orientações e reflexões para fazer uma boa leitura do mundo, do homem e da cultura humana a partir da Escritura, da Tradição e do magistério.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

*Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães é bispo diocesano de Santos-SP, teólogo pastoralista, professor na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte, membro do Observatório da Comunicação Religiosa do Brasil e do Observatório Eclesial Brasil, catequista, educador, servidor da Pastoral Nacional do Povo da Rua pela CNBB.

IRMÃOS E IRMÃS EM SITUAÇÃO DE RUA

“Não havia
lugar para eles
na hospedaria”
(Lc 2,7)





Este artigo atende à necessidade de refletir sobre a questão e a realidade da moradia – tema da Campanha da Fraternidade da Igreja no Brasil, coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – em relação às pessoas em trajetória (tempo mais provisório) e situação (tempo de maior extensão) de rua, com o intuito de abrir significados para a moradia e o que ela representa para cada pessoa, e de mostrar que a própria rua ensina a sair dela quando se trabalha com o método indutivo, que toma a pessoa como sujeito de sua libertação, sempre à luz do humanismo cristão.

1. Para entrar no assunto

A moradia é um tema crucial. A Campanha da Fraternidade sobre moradia é necessária. A inclusão do povo em trajetória ou situação de rua nesta reflexão é o vértice da problemática a ser enfrentada. Por isso, busco entender a moradia como algo que tem sentido próprio para as pessoas, e esse sentido protege a dignidade delas. Alguns textos bíblicos são emblemáticos, como veremos.

Em seguida, debruçamo-nos sobre a realidade do povo da rua – que, na fila dos últimos, são os últimos –, para reforçar a feliz ideia de que a libertação da prisão das pessoas na rua (ainda que essa expressão pareça paradoxal) está no aprendizado da própria rua, o qual a faz ser compreendida como uma espécie de método.

Finalmente, em vez de tirarmos conclusões sobre esse delicado assunto, sugiro continuar o aprendizado, sempre começando de novo e inovando.

2. Para aprofundar o assunto

2.1. A moradia como sentido e dignidade

O profeta Isaías profere sete oráculos contra Judá (Is 5,5-22; 10,1), porque o povo não deu os frutos de justiça que Deus esperava. Todos começam pela partícula “ai”, como faz também o profeta Amós contra as injustiças praticadas pelos nobres. O primeiro “ai” é sobre a moradia: “Ai dos que juntam casa a casa e que acrescentam campo a campo, até não sobrar mais lugar, [...] muitas casas ficarão por certo abandonadas” (Is 5,8.9). O acúmulo de casas de uns denuncia a falta de casa de outros.

A casa não é um bem qualquer, pois desse bem derivam vários outros aspectos da vida, além de constituir um valor relacionado à condição da existência humana. Por isso, a casa não é dispensável; ao contrário, é absolutamente necessária para o viver.

O assunto “casa” é levado a sério na Escritura Sagrada. Também nós devemos levá-lo a sério. Casa – *bayit*, em hebraico, e *oikos*, em grego – refere-se a um lugar físico de moradia, mas também a um espaço de comunhão, descanso e refúgio, abarcando ainda o conceito de família, lar, e até o próprio templo ou a igreja como a casa de Deus. Todavia, Jesus, tendo tido uma casa em Nazaré, onde cresceu e viveu com seus pais até a idade adulta e o início de sua vida pública, nasceu fora de uma casa.

Também José – que era da casa e da linhagem de Davi – subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Quando estavam ali, completaram-se os dias de ela dar à luz. Ela deu à luz o seu filho, o primogênito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria (Lc 2,4-7).

A expressão “não havia lugar para eles na hospedaria” situa José, Maria e Jesus fora de casa, na rua ou em algum lugar improvisado, numa manjedoura – o cocho onde os animais comiam e bebiam e que podia ou não estar dentro do estábulo, onde ficavam os animais e o estrume, resíduos animais e vegetais em

decomposição. Jesus nasceu fora de casa, em um canto qualquer, fora de uma moradia, em situação precária, certamente amenizada por José e Maria, mediante seus cuidados.

Por mais que nos esforcemos para amenizar a narrativa do nascimento de Jesus, vamos sempre esbarrar com esta realidade: aí se deu o mistério da encarnação do Verbo, quando a Palavra se fez carne e veio morar entre nós (Jo 1,14). Depois Jesus cresceu e se preparou para a missão em Nazaré, numa casinha em uma vila, onde viveu a “vida-Nazaré”, como ensina São Charles de Foucauld, que experimentou em profundidade a vida ao estilo de Nazaré, aquela escola chamada Nazaré.

A Bíblia, ao tratar da moradia, abre uma perspectiva de futuro, do *escaton* em Deus, onde há muitas moradas. Em Jo 14,1-4, no início das palavras de despedida, com o objetivo de dar consolação aos seus discípulos, Jesus lhes diz: “Não se perturbe o vosso coração! [...] na casa de meu Pai há muitas moradas [...], vou preparar-vos um lugar. E depois que eu tiver ido preparar-vos um lugar, voltarei e vos levarei comigo”. A morada na casa do Pai, com espaços diversos para todos, é o suficiente para a calma do coração. Há uma evidência da importância da morada aqui, já, e no ainda não, depois; uma afirmação do Reino, que aqui começa por dom de Deus e aceitação do ser humano e adquire sua plenitude na eternidade feliz, na morada do Pai. Há uma relação entre morar aqui e morar lá, como se disséssemos que moramos aqui para morarmos lá; morar onde quer que estejamos, mas sempre “morar”. As “muitas moradas” fazem referência à vastidão e à abundância da casa do Senhor, que oferece lugar a cada pessoa, sem que o critério seja o merecimento, e sim sua graça e seu amor, oferecidos por Jesus, aqui e na convivência eterna.

2.2. A rua como método para encontrar o sentido e a dignidade

O papa Francisco falou, discorreu e insistiu sobre uma nova configuração teológico-pastoral

A TEOLOGIA E A PASTORAL NA CIDADE

DESAFIOS E POSSIBILIDADES ATUAIS

Elias Wolff / Benjamin Bravo Perez /
Antônio Ernesto Palafox (orgs.)



Entre os temas que mais interpelam a teologia em nossos tempos, está a compreensão das cidades e do complexo urbano, com suas características múltiplas, conforme os variados contextos temporais e socioculturais que configuram a convivência humana em suas diversas expressões e dimensões.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“ *Jesus nasceu fora de casa, em um canto qualquer, fora de uma moradia, em situação precária.* ”

da Igreja, de modo a ressitua-la interiormente, para que seja desalojada, desacomodada, “desaburguesada”, e externamente, para que seja uma presença profética e misericordiosa nas periferias existenciais, sociais, geográficas e ambientais. Ele a definiu como “Igreja em saída”. É um movimento eclesial fundamental de sair de si e ir ao encontro do outro e lá permanecer, exercendo sua precípua missão evangelizadora, de modo que a proximidade de Jesus Cristo não seja privilégio de alguns, mas real possibilidade para todos, especialmente para os sofredores, pobres e marginalizados.

Dando um passo adiante, fez realizar-se um sínodo dos bispos, organizado e vivenciado de forma participativa, para tratar da sinodalidade da Igreja, o que quer dizer que na Igreja todos caminham juntos, afetiva e efetivamente. Não é difícil concluir que o caminhar junto da Igreja é o caminhar rumo à saída, pavimentando o caminho com a cultura do encontro, fazendo o bem, acolhendo e incluindo os periféricos do mundo. Com a eleição do papa Leão XIV, houve quem pensasse que ele não trilharia esse caminho; ao contrário, porém, ele tem insistido na sinodalidade da Igreja, como expressou aos

bispos italianos em 17/6/2025, dizendo que “a sinodalidade deve tornar-se uma mentalidade, no coração, nos processos de decisão e nos modos de agir”, e também como se dirigiu aos representantes de outras Igrejas e religiões em 19/5/2025: “Desejo assegurar-vos minha intenção de continuar o compromisso do papa Francisco na promoção do caráter sinodal da Igreja Católica” (Fernández, 2025).

Essa dinâmica teológico-pastoral faz a Igreja encontrar-se, frutuosamente, com os que não têm moradia, com os que vivem pelas rodovias, ruas, rincões e cortiços das metrópoles, sem teto, sem terra, sem casa. Hoje, o déficit habitacional no Brasil chega aos 32 milhões de unidades: faltam mais de 6 milhões de moradias, enquanto 26 milhões são inadequadas (Mansur, 2024) e precisam ser substituídas. O Dique da Vila Gilda, em Santos-SP, a maior palafita do Brasil, reúne mais de 26 mil pessoas que moram em assoalhos apoiados em estacas nas águas do mar, construção que reiteradas vezes sofre incêndios com vítimas traumatizadas e fatais, de crianças a pessoas idosas desamparadas.

Reafirmamos que a moradia é um direito constitucional de toda pessoa humana no Brasil, e que esse direito é violado sistematicamente há séculos. A moradia é o lugar de cada um, mas é também a existência, porque morar é existir em algum lugar. Ela é um território onde as pessoas permanecem, com endereço, acesso e registro, mas é também o lugar de sonhar e trabalhar pela dignidade da vida e por expectativas melhores. A moradia de cada um deve ser “construída sobre a rocha”, no sentido



literal – de um bom alicerce que a sustente – e no sentido bíblico, espiritual, segundo o qual viver a Palavra de Deus é como construir a moradia em lugar firme, que as tempestades da vida não abalam.

Nesse universo estão as pessoas em situação de rua, ou seja, pessoas vitimadas por situações que as colocaram, literalmente, na rua, pela força prepotente e avassaladora da dependência de drogas ilícitas e lícitas, pela força da extrema pobreza e da miséria e pela força de profundos e dolorosos conflitos nas relações interpessoais, familiares e grupais. Na perspectiva da Igreja em saída, as pessoas encontradas em situação de rua, além de serem consideradas verdadeiramente “pessoas humanas”, precisam ser reconhecidas como “irmãos e irmãs”, na perspectiva da fraternidade cristã, como reza o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja. Essa é a Igreja que expressa a centralidade de Jesus Cristo e não negocia o Evangelho do Reino de Deus sob hipótese alguma, já que o Evangelho do Reino é a síntese de toda a mensagem e da própria pessoa de Jesus Cristo.

A rua deve ensinar métodos de restauração humana, com base na ideia de que cada pessoa em situação de rua se torna, inexoravelmente, o sujeito aprendiz de sua verdadeira liberdade e dignidade. É assim que trabalha a Pastoral do Povo da Rua, hoje presente em muitas cidades do Brasil e amplamente reconhecida. Na rua é preciso fazer a passagem do não ir nem vir (porque as pessoas nessa situação ou trajetória são encurraladas em determinados espaços) para o ir e vir com liberdade; da rua sem sentido e totalmente irrelevante (porque ela é uma prisão a céu aberto) para a rua que faz sentido e torna-se relevante para cada um, com sua história de vida; da rua como lugar de andar (andam o tempo todo) para a rua onde se aprendem métodos que libertam, métodos que fazem as pessoas solidárias, esperançosas, e métodos para vencerem a situação de rua, recuperarem as moradias e viverem apaziguadas em relação às ruas.

3. Para começar de novo o assunto

Como são irmãos e irmãs em situação de rua, a fraternidade não cessa; não cessa a necessidade de sempre começar de novo e cada vez de forma nova, reinventando os passos, o caminho, a chegada. A fraternidade é uma característica humano-cristã extremamente potente. Ela é a mais alta forma de qualificar os discípulos e discípulas de Jesus e todos os membros da espécie humana. A vivência da fraternidade desencadeia processos que se traduzem em assistência, solidariedade, esmola, caridade.

Os programas, projetos e políticas públicas orientados pelo imperativo ético que deve presidir a escolha de prioridades por parte dos agentes públicos, com a finalidade de superar o déficit habitacional e os problemas referentes à moradia, serão sempre necessários. Será necessário sempre começar de novo.

A mesma atitude é requerida quando tratamos o assunto em âmbito eclesial, na perspectiva pastoral, particularmente quando entendemos que fazer pastoral com o povo da rua é, em vários sentidos, ir para a rua, estar com as pessoas e com elas caminhar. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNÁNDEZ, Card. V. M. *Sinodalità: perché no e perché sì*. 6 set. 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/fernandez/documents/rc_ddf_doc_20250906_fernandez-relazione-corso-vescovi_it.html. Acesso em: 2 out. 2025.
- MANSUR, R. Brasil tem déficit habitacional de mais de seis milhões de domicílios [...]. *G1*, 21 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/06/21/brasil-tem-deficit-habitacional-de-mais-de-seis-milhoes-de-domicilios-veja-ranking-de-estados.ghtml>. Acesso em: 2 out. 2025.
- PASTORAL NACIONAL DO POVO DA RUA. Coordenação de Ivone Maria Perassa e padre Marcos Augusto Mendes, sj. Disponível em: <https://pastoraldopovodarua.org.br/>. Acesso em: 2 out. 2025.

Prof. Dr. Faustino Teixeira*

*Faustino Teixeira é professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tendo trabalhado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Hoje ministra cursos de literatura e cinema no Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), bem como atua no Portal Paz e Bem. E-mail: dutiguera@gmail.com

GRACILIANO RAMOS

e personagens do drama social brasileiro





INTRODUÇÃO

Graciliano era um ateu convicto, com simpatia declarada pelo comunismo, a ponto de filiar-se no Partido Comunista do Brasil em 1945, ano da publicação de seu romance *Infância*. Permaneceu no partido até sua morte, em 1953. Há que recordar, porém, que sua relação com o partido foi sempre marcada pela liberdade. Graciliano era ateu, mas não deixava de ler a Bíblia todas as noites, como lembra seu biógrafo, Dênis de Moraes. Tinha predileção pelo livro dos Provérbios e pelo Eclesiastes. Em suas observações e narrativas, estava sempre referindo-se ao Deus do céu ou Jesus Cristo (Moraes, 2012, p. 16). Tinha a mania de expressar-se com categorias religiosas: “graças a Deus”, “Deus meu”, “santo Deus”, “se Deus quiser” (Moraes, 2012, p. 45).

O crítico literário Antonio Candido tinha o maior apreço por Graça – outra forma de nomear o romancista – e o considerava “um dos maiores escritores” da literatura brasileira, bem como “um dos raros cuja alta qualidade parece crescer à medida que o lemos” (Candido, 2006, p. 13). Como indica Candido, Graciliano era um romancista profundamente atento ao que via, com capacidade singular de captar detalhes que escapavam ao olhar do cidadão comum. Sua literatura não deixa espaço ao descanso. Estamos sempre convocados por ela para participar de eventos que provocam nossa atenção e sensibilidade.

O referido escritor é dotado de incrível poder “de penetrar nos sentimentos escondidos, esmiuçar consciências e corações como um bisturi implacável separando carnes e vísceras” (Lebensztayn; Salla, 2014, p. 89). Seus romances trazem, de forma límpida para os leitores, o impacto da dolorosa vida social no mundo interior de seus personagens. Apesar de sua áspera prosa, o romancista tem uma alma “cheia de misericórdia”, como bem lembrou Otto Maria Carpeaux (Brayner, 1978, p. 30).

As obras de Graciliano Ramos são marcadas por forte teor psicológico. Nas micronarrativas que subjazem nas macronarrativas, evidencia-se a grande maestria do ficcionista, que não consegue disfarçar a “imaginação enraivecida do apaixonado” (Santiago, 2021, p. 313). Em romances peculiares, como *Angústia*, vemos emergir um “bicho subterrâneo” que nos habita, que expressa “o homem interior, com seus desejos recalçados, suas frustrações, seu sentimento de impotência” (Bueno, 2008, p. 80).

Esse “bicho subterrâneo” nos faz recordar a presença do “vapor do mal”, como expressa Guimarães Rosa no *Grande sertão: veredas*. É quando emergem os “avessos” do humano, vindos de lados sombrios, que tensionam com a “vozinha” do bem. A mão humana é capaz de atos de ternura, mas também de atos estranhos, marcados por um ódio que não carece de razão (Rosa, 2019, p. 284, 338).

1. A reificação em “São Bernardo”

Graciliano Ramos é um escritor sempre atormentado pela questão do bem e do mal. Ele tem consciência, assim como Guimarães Rosa, de que o mal está presente no humano e só há saída positiva para a humanidade no dia em que puder ocorrer uma mudança substantiva no ser humano (Brayner, 1978, p. 40).

No romance *São Bernardo*, constatamos – assim como ocorre nos outros romances de Graça – que a preocupação essencial do autor não é tanto com o ambiente ou a sociedade, mas com o impacto disso tudo no personagem. Assim acontece com Paulo Honório, o personagem-chave do romance de Graciliano. O escritor busca marcar literariamente o caráter perverso de Paulo Honório, cujo processo vital foi delineado pela dinâmica da reificação (Lima, 1969, p. 50).

Paulo Honório é alguém que nasceu em condições de carência e pobreza, mas foi sendo tomado pela vontade de poder, com vigorosa ambição na vida. O traço que rege sua atividade é a busca por propriedade, tanto das coisas

como dos homens (Coutinho, 1967, p. 153). O feto do personagem vai ser, a qualquer custo, adquirir a propriedade de São Bernardo. Não foi uma trajetória fácil, mas envolveu muita luta, ambição e empenho (Ramos, 1974, p. 37).

Paulo Honório não é alguém interessado na natureza ou nas pessoas como tais, mas, sim, enquanto significam possibilidade de ser rendosas. Para ele, todas as criaturas que o serviam eram vistas como “bichos” (Ramos, 1974, p. 189). Até o casamento com Madalena foi pensado como um negócio. Foi uma ideia provocada não “por um rabo de saia”, pois não estava preocupado com amores, mas pelo desejo de “preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo” (Ramos, 1974, p. 77; Lima, 1969, p. 65).

Em suas mãos, tudo se transforma em quantidade. Essa é a lógica de sua paixão. E vai ser esse mundo “quantificado” que o esmagará e destruirá, fazendo-o terminar sozinho, com sua dor e insensibilidade, incapaz de qualquer modificação, sobretudo após os tempos que se sucederam ao suicídio de Madalena, sua mulher.

Impressionante na narrativa de Graciliano, quando fala de Paulo Honório, é a descrição de suas mãos. Elas são “enormes, calosas, cabeludas”. Ao final do romance, o personagem encontra-se só na casa deserta e o que constata é que sua figura se transformou. Ao se ver no espelho, percebe não alguém humano, mas um “algo” com dureza na boca e nos olhos. Ao buscar “descascar fatos” de sua existência, dá-se conta de que estragou sua vida com a vontade de poder.

“ Graciliano era um romancista profundamente atento ao que via, com capacidade singular de captar detalhes que escapavam ao olhar do cidadão comum. ”

ABRA A PORTA

CARTILHA DO POVO DE DEUS

Vv. Aa.



Manual para as comunidades de base e para o povo simples, preparado pelas equipes de pastoral das dioceses mineiras de Araçuaí, Divinópolis e Teófilo Otoni. A primeira parte dá uma visão da natureza, da vida e da história; a segunda traz orações e cânticos; a terceira oferece orientações para a vivência da fé.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Lamenta-se que nem sequer consegue modificar-se, uma vez que endureceu por dentro. Dá-se conta de que os sentimentos e propósitos possíveis esbarram em sua brutalidade e egoísmo (Ramos, 1974, p. 193). E relata, ao final: “Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes” (Ramos, 1974, p. 188).

2. Os sinais de ressurgência em “*Vidas secas*”

Para alguns críticos literários, o romance *Vidas secas* revela-se uma obra-prima de Graciliano Ramos. Como indicou Antonio Candido, o gênero literário do livro situa-se entre romance e livro de contos. Ele vem constituído “por cenas e episódios mais ou menos isolados, alguns dos quais foram efetivamente publicados como contos” (Candido, 2006, p. 63). Ao contrário de outros romances de Graça, este vem narrado na terceira pessoa do singular.

O último livro de ficção de Graciliano Ramos guarda um traço distinto com respeito aos anteriores. Diferentemente da brutalidade que encontramos em outros romances do autor,

deparamo-nos agora com um ritmo mais esperançoso, expresso pelo personagem Fabiano de *Vidas secas*. Mesmo esmagado pelos outros e pela natureza, Fabiano guardava em seu ser mais íntimo, de “primitivo”, uma dimensão de pureza (Candido, 2006, p. 63).

Na visão de Otto Maria Carpeaux, esse é o livro relativamente mais sereno e, talvez, até mais otimista de Graciliano, deixando anunciado um toque de ressurgência vital (Brayner, 1978, p. 32), não obstante o traço oprimido de Fabiano que se manifesta na obra. Com efeito, a desgraça estava sempre por perto do personagem, provocando o risco do desânimo, mas uma pequena chama permanecia acesa, revigorando a caminhada.

Talvez não seja sem razão que Graciliano tenha optado por não fazer um romance sobre a seca. As vidas, sim, são secas, mas a terra não. Como apontou Luís Bueno, “o ambiente em que circulam os personagens não é o de seca, com a exceção óbvia do capítulo inicial. Por incrível que possa parecer, a maior parte do enredo se passa em tempos de fartura” (Bueno, 2015, p. 662).

Há no romance momentos de alegria, como os representados pela presença amiga e constante da cachorra Baleia na vida dos retirantes. São bonitos igualmente os momentos em que



“*Para alguns críticos literários, o romance *Vidas secas* revela-se uma obra-prima de Graciliano Ramos.*”

a família está reunida em casa junto ao fogo, simbolizando “descanso e aconchego”, com a presença de todos, também dos dois meninos sem nome: o mais novo e o mais velho.

São momentos de alegria que ocorrem na casa, onde todos estão juntos: “a fogueira acesa, as pessoas se aquecendo umas nas outras, as histórias incompreensíveis e contraditórias de Fabiano, tudo é sinal de segurança, de alegria, que só é possível no espaço restrito da vida familiar” (Bueno, 2015, p. 654). Na visão de Rui Mourão, outro grande estudioso de Graça:

Como além da seca não acontece nada naquele recanto do sertão, existir para a família significa apenas fugir com medo e, nos tempos de calmaria, prover a subsistência ou simplesmente se deixar estar dentro no mundo – contemplar uma paisagem, movimentar-se dentro dela, não com determinação, com pressa ou ansiedade, mas descansadamente, largadamente, porque os minutos prometem ser sempre os mesmos em qualquer parte que se encontre [...] (Mourão, 1969, p. 126).

Podemos visualizar, no último capítulo, um aceno à seca vindoura. Ao examinar o céu, Fabiano vislumbrava o mau agouro da seca por vir e conjecturava misérias (Ramos, 2018, p. 230). Não havia como afastar os receios que prenunciavam o novo tempo, mas isso não impedia a presença de sonhos benfazejos, como manifestava Sinhá Vitória: “Ela ainda se agarrava a fantasias”, e a família mantinha a esperança de que “o mundo é grande” (Ramos, 2018, p. 238 e 236).

Segundo Luís Bueno (2015), o que caracteriza *Vidas secas* é a “representação do outro”; também da esperança de outro tempo, de mais fartura. Mesmo impossíveis, as fantasias estão presentes, como as de Sinhá Vitória, com o sonho da cama de “lastro de couro”, e não aquela de varas em que dormiam.

EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES

RAÍZES NA TEOLOGIA DO POVO

Dom Edson Oriolo



Versão
E-Book

Nesta obra, Dom Edson Oriolo recolhe suas contribuições para esse necessário olhar em direção às cidades e contribui para a aplicação das recentes Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Sua experiência pessoal como presbítero e bispo dá-lhe autoridade para tratar do tema.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

O sonho de um futuro melhor para as crianças, numa ocupação diferente daquela dolorosa de Fabiano.

Apesar de não ser um escritor muito dado aos animais, Graciliano conseguiu brindar seus leitores com uma das mais impressionantes personagens, a cachorra Baleia. Desde o início do romance, vemos Baleia à frente do grupo, “arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas

que se retardavam” (Ramos, 2018, p. 30). Não havia tempo ruim para Baleia, sempre agitando o rabo com alegria, sem se incomodar de ser a última a sorver os ossos sobranes. Não tivera o mesmo destino infeliz do papagaio, que morrera para aplacar a fome da família.

Graciliano Ramos destina várias páginas, das mais belas da literatura, para descrever a morte de Baleia. Ela ficou doente e estava condenada à morte. Tinha emagrecido, com perda dos pelos em várias partes do corpo, e feridas brotavam por toda parte, cobertas de moscas. Foi quando Fabiano resolveu então apressar a morte com sua espingarda.

Sinhá Vitória e os meninos resistiram à decisão. Não queriam que ninguém bulisse com a cadela. Entretanto, não havia jeito, o tempo dela estava definhando. Quando os meninos ouviram o barulho da bala, estremeceram de dor, como se o mesmo ocorresse com eles. Aconchegaram-se junto à mãe, e esta “pegou-se à Virgem Maria”. Rolaram então “na cama, chorando alto”, enquanto Fabiano se recolheu (Ramos, 2018, p. 169).

Ferida com tiro de morte, Baleia tentou ainda fugir, escapar precipitada, buscando um lugar de segurança. Em recanto perto dos juazeiros, viveu seu último drama. Buscou agarrar-se aos seixos miúdos, cravando as unhas no chão, até ir aquietando-se. Em momento de desespero, tentou morder Fabiano, mas recolheu-se, mantendo-se, mesmo ao final, numa fidelidade extrema ao seu dono. Ainda sentia “o cheiro bom dos preás”, mas o faro já não era o mesmo, nem a possibilidade de ir-lhes ao encalço.

Era-lhe difícil entender o que acontecera: “o estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio” (Ramos, 2018, p. 179). Tudo agora não passava de “insensibilidade



“ *O começo e o fim fecham-se num círculo de dor, em que os personagens se encontram ‘sufocados pelo meio’, mas nada disso impede a presença da esperança. Ela é vigorosa entre os retirantes.* ”

e esquecimento”. O que queria era apenas dormir e acordar feliz “num mundo cheio de preás”. Poderia então lamber “as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme” (Ramos, 2018, p. 181).

Nessa cena da agonia de Baleia, como em outras cenas do livro, assistimos, impactados, à beleza e à riqueza da narrativa de Graciliano Ramos – ou, como diz Antonio Candido, toda a “pureza do livro”, que provoca admiração e comoção. O livro também vem permeado pelo silêncio, pelo “drama de uma impossibilidade de comunicação humana” (Mourão, 1969, p. 121-122; Brayner, 1978, p. 315).

O romance começa com uma fuga, quando os infelizes retirantes caminham até encontrar guarida numa casa de fazenda aparentemente abandonada. Tinham passado por muitos sofrimentos sob aquele terrível céu azul da seca. O último capítulo também vem pontuado por nova fuga e pela presença ameaçadora da seca (Candido, 2006, p. 67).

Como indica Antonio Candido, “entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo” (Candido, 2006, p. 67). O começo e o fim fecham-se num círculo de dor, em que os personagens se encontram “sufocados pelo meio”, mas nada disso impede a presença da esperança. Ela é vigorosa entre os retirantes.

ESPIRITUALIDADE DO AGENTE DE PASTORAL

Humberto Robson de Carvalho/
Caio Henrique Esponton



O objetivo do livro é exatamente fortalecer a vida no Espírito de cada agente de pastoral, ajudando-o a cada dia a nascer do alto e conectar esse novo nascimento à missão pastoral da Igreja de anunciar, servir e testemunhar o Reino de Deus no mundo.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

COMO ORGANIZAR A PASTORAL FAMILIAR?

SUBSÍDIOS PARA A ORGANIZAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DA PASTORAL FAMILIAR

CNBB

COMO ORGANIZAR A PASTORAL FAMILIAR?

Subsídios para a organização e dinamização da Pastoral Familiar

O setor Família da CNBB retoma o conteúdo dos “Estudos da CNBB” de número 65 para que todas as comunidades tenham mais facilidade em organizar suas equipes e serviços de pastoral familiar. Nem sempre se consegue realizar um trabalho de pastoral familiar inserido numa pastoral de conjunto. Aqui está um instrumento de ajuda para isso.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



CONCLUSÃO

O que mais impressiona na produção de Graciliano Ramos é a precisão literária e o cuidado com a narrativa. Certamente um dos mais rigorosos escritores brasileiros, sempre se mostrou insatisfeito com o resultado de seus trabalhos. De nossa parte, nós, leitores, regozijamo-nos com sua preciosa escrita, que abre veredas inusitadas para a reflexão sobre a realidade social e o mundo subjetivo. Na última fase de sua vida, Graciliano abandonou a ficção, dando lugar ao mundo da memória. Foi o momento em que se deu a passagem da ficção para a confissão. Foi quando buscou evocar sua infância, num livro de beleza ímpar, e depois relatar suas memórias do tempo da prisão, ocorrida em março de 1936.

Graciliano Ramos foi um dos mais importantes escritores dos anos 1930, e não há dúvida sobre a riqueza de sua presença no âmbito geral dos romancistas brasileiros. Foi alguém que conseguiu, como poucos, expressar toda a virulência do sofrimento dos excluídos no Brasil, particularmente dos nordestinos, e o impacto dessa dor na vida de cada um dos personagens que ele escolheu para suas narrativas. Revela, como poucos escritores nacionais, a psicologia do homem-humano, sobretudo os meandros de sua vida subterrânea, daquela parte que vem reprimida ou ocultada na padronizada dinâmica do ser social.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

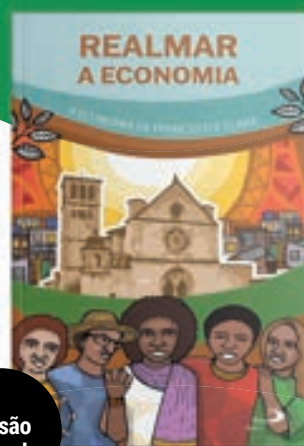
- BRAYNER, S. (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BUENO, L. Antonio Candido leitor de Graciliano Ramos. *Revista Letras*, Curitiba: Ed. UFPR, n. 74, p. 71-85, jan./abr. 2008.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2015.
- CANDIDO, A. Ficção e confissão. In: CANDIDO, A. *Ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COUTINHO, C. N. *Literatura e humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LEBENSZTAYN, I.; SALLA, T. M. (org.). *Conversas: Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- LIMA, L. C. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- MORAES, D. de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MOURÃO, R. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. Belo Horizonte: Tendência, 1969.
- RAMOS, G. *Nossos clássicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- RAMOS, G. *São Bernardo*. 23. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- RAMOS, G. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTIAGO, S. Posfácio. In: RAMOS, G. *Angústia*. 87. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 307-321.



REALMAR A ECONOMIA

A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Eduardo Brasileiro (org.)



Versão E-Book

O capitalismo e, mais especificamente, sua versão mais agressiva, o neoliberalismo, transformaram a convivência entre nós, humanos, numa guerra de todos contra todos. Para nos salvar desse caminho, o papa Francisco nos convidou a repensar a forma com que cuidamos de nossa casa.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Luiz Alexandre Solano Rossi (LASR)* / Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues (FCFR)**



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA PALAVRA VIVA PELO CÓDIGO QR AO LADO.



Março

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Abril

2º DOMINGO DA QUARESMA (LASR)

1º de março

Invertendo a lógica do triunfo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus fala e chama a cada um dos homens e mulheres para viver um novo projeto de vida. Trata-se, sem dúvida, de verdadeiro desafio, que exige que a pessoa se desacomode, saia de sua zona de conforto e caminhe sempre com Deus e em direção ao outro. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 12,1-4a)

Deus nos fala! Não há dúvida quanto a isso. Contudo, entre seus muitos conteúdos, certamente estão aqueles que dizem respeito à responsabilidade, aos desafios e às missões que nos esperam. Muitos de nós desenvolvemos uma espécie de “ouvido seletivo”, ou seja, escutamos tão somente o que desejamos ouvir.

Prestamos atenção apenas nos anúncios de Deus que tenham relação com o fato de recebermos alguma coisa.

No entanto, temos um Deus que nos desafia a dar passos de fé e pela fé. Abraão escuta exatamente isto: “Saia de sua terra” – de seus espaços de conveniência, de sua zona de conforto – e vá para uma terra que ainda irei lhe mostrar. O desafio é para que ele dê passos além daqueles que já havia dado. Abraão deveria sair do lugar-comum e romper com aquilo que possuía e com as fronteiras que o impediam de caminhar.

O desafio de Deus significa desacomodação. Implica ruptura e separação. Mostra-nos que não podemos viver e permanecer como se limitados àquilo que somos e temos. Sempre há a necessidade imperiosa de dar um passo a mais, de caminhar um pouco mais. Nisto, porém, reside um dos nossos maiores problemas: passamos muito tempo acomodados. Muitas vezes pensamos que a melhor posição que poderíamos tomar seria a acomodação. Por causa disso, não aprovamos a atitude de Deus quando procura romper com nossas zonas de conforto. Até Deus pode passar dos limites, pensamos!

O Deus de Abraão, porém, impede que fiquemos bem acomodados e instalados.

*Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de mestrado e doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e no Centro Universitário Internacional (Uninter).

**Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues é presbítero da diocese de Mossoró-RN. Possui mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma). É licenciado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia – Insaf (Recife) e bacharel em Teologia pelo Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma). Professor na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (Mossoró-RN), é autor do roteiro do 4º Domingo da Páscoa.

Ele provoca Abraão para que se desacomode e caminhe dentro dos passos propostos pelo próprio Deus. A experiência de Abraão nos coloca diante de um Deus de ação. Um Deus que nos leva a permanecer em pé e a dar passos firmes em direção a um amanhã que ele mesmo garante.

“Saia de sua terra e vá para onde lhe mostrarei.” Não precisamos ter medo, pois o mapa está nas mãos de Deus. No chamado divino existe a promessa de que não caminharemos sozinhos. Tornamo-nos peregrinos pelas estradas deste mundo. Cabe-nos compreender, todavia, que Deus também se torna peregrino conosco. Ele nos acompanha. Não poderíamos ter companhia melhor. Quando Deus pede que Abraão saia, Ele se dispõe a fazer o mesmo caminho.

Abraão parte com novo programa de vida! A obscuridade do destino contrasta com a clareza do que deve abandonar. A terra para a qual deve seguir não é sequer nomeada. Abraão, no entanto, está firme. Sabe ouvir e sabe responder. Sabe que cada chamado para uma nova missão implica deixar para trás o que é conhecido e dá segurança a fim de lançar-se no desconhecido. Recusar os riscos do desafio de Deus significaria, para Abraão, o mesmo que permanecer no mesmo lugar e, o que é pior, do mesmo tamanho. Assumi-los, por sua vez, abriria a possibilidade de novos e inesperados horizontes. Abraão percebe que existem certas coisas que somente Deus pode fazer. É pura graça dele derramada sobre seus filhos e filhas. A ação é exclusiva – “eu farei”, “eu abençoarei”, “eu tornarei” – do Deus que caminha junto a nós. Não podemos nos esquecer desta verdade fundamental: Deus é a fonte de todo bem! Por que, então, por vezes, teimamos em procurar água pura e cristalina em outras e estranhas fontes?

No relato da torre de Babel, por exemplo, constatamos justamente o contrário: são as pessoas que desejam, por todos os modos, construir uma torre altíssima para perpetuar o próprio nome. É uma das representações

dos projetos humanos feitos à revelia de Deus. Todavia, esse projeto da humanidade em Babel resultou em confusão, em dispersão e em antvida (cf. Gn 11,9). Em Abraão, diferentemente, encontramos um projeto de vida. Deus promete que ele se tornará uma fonte de bênção para a humanidade. Abraão não constrói a partir de si mesmo a bênção; ele é abençoado. Babel dessa forma está, em Abraão, verdadeiramente neutralizada! É Deus que faz, que fala, que abençoa, que nos constrói como seres humanos. O que as pessoas querem realizar por si mesmas e para si mesmas, Deus fará para Abraão. A ação é sempre dele. Quando nos propomos caminhar, ele não nos deixa sozinhos e nos abençoa tremendamente.

Abraão nos ensina que o projeto de Deus é coletivo. Um projeto que tem relação com a reunião e a unidade das pessoas. Não é um projeto para aconchegar nosso individualismo, para que ele viva sossegado em seu canto. A ação de Deus sobre nós é para que cada um se torne também uma bênção para todos os outros. Trata-se de um “sim” fundamental à solidariedade. Cada um de nós precisa se ver apenas como instrumento da bênção de Deus. Ele nos abençoa não para que sejamos proprietários definitivos da sua bênção, mas para que tenhamos condições de abençoar as pessoas com as quais convivemos.

Em Deus não há o projeto do egoísmo, mas o primado da partilha. Aquilo que ele nos concede não é apenas para nós. A ação abençoadora de Deus sobre nós acontece para que nos tornemos fonte inesgotável de bênçãos para todos os outros. Às vezes, porém, invertemos a maneira de compreender a experiência de Abraão: focamos apenas nas bênçãos que recebeu e constatamos que ele era um privilegiado. Esquecemo-nos de que seu privilégio era, de fato, alcançar outras pessoas a partir do que havia recebido. A grandeza de Abraão não consistia em sua força militar, política ou econômica. Sua grandeza, na verdade, manifestava-se no Deus grande que caminhava ao seu lado.

2. II leitura (2Tm 1,8b-10)

Há em Deus um plano cheio de graça. Por isso, a graça, compreendida como favor imerecido, é concedida a todas as pessoas. Não há necessidade, diz a leitura, de obras próprias ou, ainda, de um projeto pessoal bem construído. A percepção de que Jesus deve ser considerado tudo em todos é por demais importante. Nele, por ele e para ele são todas as coisas. Nesse sentido, Jesus é suficiente para a salvação do ser humano. O ser humano não é “autossalvador”, ou seja, não consegue salvar a si mesmo. A ação de salvação, sempre e necessariamente, pressupõe a ação de Deus.

3. Evangelho (Mt 17,1-9)

Na transfiguração relatada no Evangelho de Mateus, a passagem-chave é a exortação dirigida aos três discípulos, Pedro, Tiago e João. Uma expressão/exortação que do passado reverbera com força, atravessando tempo e espaço, e nos alcançando com igual intensidade: “Escutai-o”. Na Quaresma se faz necessário abrir os ouvidos para escutar com verdadeira atenção. Não se fazem discípulos quando os ouvidos se fecham às palavras de seu mestre. Todo discípulo é primeiramente, de fato e de verdade, um ouvinte. Todavia, é necessário também ouvir os outros. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade. Temos grande facilidade de ouvir os meios de comunicação, discursos os mais diversos, até mesmo alguma música. Não temos, porém, a mesma facilidade para escutar alguém. Uma multidão de sons pode povoar nosso interior, desde que não sobre espaço aos sons de irmãos e de irmãs. Transformamo-nos em consumidores de ruídos e, negando os sons da fraternidade, esvaziamos-nos de nós mesmos. Escutar Jesus dentro de nossos próprios contextos é o maior dos nossos desafios. Acolher a palavra de Jesus requer

disponibilidade e qualidade de tempo. Caso contrário, corremos o risco de confundir os ruídos do cotidiano com a voz do nosso Mestre.

Jesus sobe à montanha para viver uma experiência inusitada. Lá, diante dos olhos estarrecidos dos três discípulos, transfigura-se. Suas vestes mudam e passam a se parecer com aquelas dos mártires (cf. Ap 3,15-18). No entanto, para além da transfiguração, aparecem também Elias e Moisés. A presença deles vem confirmar o caminho de Jesus na direção do conflito final. Tal presença aponta que a missão do Mestre não é marcada pela neutralidade. Contrariamente a essa percepção, sua vida transcorre num caminho marcado pelo conflito e, no conflito, assume uma posição de solidariedade às vítimas, o que o conduzirá inevitavelmente à morte. Todavia, a missão de Jesus não era a mesma que Pedro gostaria de assumir. Quantas e quantas vezes nossas visões e interesses se distanciam do projeto de Jesus? Pedro, diante da experiência fantástica, pensa que o alto da montanha é o melhor lugar para permanecer. Sente o desejo de fazer tendas, estabelecer-se ali mesmo e vivenciar a vida cristã como se fosse um eterno retiro, longe do barulho das pessoas, das cidades e vilas. Um ambiente ideal para viver de contemplação. Ele, porém, ouvia tão somente a própria voz. Tinha um projeto pessoal que se distanciava muitíssimo do projeto de Jesus. Quando ouvimos a própria voz, deixamos de ouvir a voz de Deus. Nesse sentido, os ruídos que nos atrapalham não são somente externos, mas também internos.

Descer a montanha será, para os discípulos, muito mais difícil do que subir. Eles se acostumariam facilmente com a zona de conforto proporcionada pela experiência religiosa e da experiência ficariam reféns. Transformariam a vida de Cristo numa experiência intimista e desconectada da realidade conflituosa. Entretanto, fazia-se necessário descer a montanha. É justamente em meio ao povo que se vive e se faz missão. Jesus bem sabia que

a Boa Notícia não poderia ficar escondida. Descer a montanha traz o sentido de fazer o caminho para dentro da realidade. Toda a mensagem de Jesus nasce da realidade política, social, econômica e religiosa. Ele jamais nega a realidade, pois vive para transformá-la. Nesse caso, o cotidiano é o espaço privilegiado da sua atuação. Ele podia, até mesmo, por breves momentos, subir montanhas. Suas raízes e missão se encontravam, contudo, no meio do povo. Pedro, como porta-voz de seus companheiros, é apresentado como carente de inteligência. Ele traz no coração o desejo de reter permanentemente a revelação da glória celeste. Pode-se dizer que, na perspectiva humana, esse é um desejo compreensível, mas se contrapõe ao chamado dos discípulos ao seguimento de Jesus pelo caminho da cruz. Eles experimentam uma antecipação da bem-aventurança celestial e por isso dizem: “É bom estarmos aqui” (v. 4). Pedro pensava segundo a perspectiva do triunfo. Imaginava um Cristo vitorioso para vitoriosos. A lógica da vitória impedia o apóstolo de se ver adequadamente e, por isso, sua proposta parecia querer desviar Jesus de seu trajeto de solidariedade com as vítimas da história. Jesus, por sua vez, constrói seu itinerário pessoal e teológico à luz da solidariedade com os pequeninos, mesmo que, para isso, a consequência seja se tornar vítima do Império Romano, como tantos outros do seu povo já haviam sido.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) O discípulo e a discípula de Jesus vivem o Evangelho inseridos na realidade do dia a dia. Jamais é possível pensar o estilo de vida de Jesus como um processo que conduz à alienação. Deve-se viver Jesus na realidade do dia a dia com a missão de transformá-la.

2) Em Deus não há o projeto do egoísmo, mas o primado da partilha. Aquilo que ele nos concede não é apenas para nós. A ação abençoadora de Deus acontece para que nos tornemos fonte inesgotável de bênçãos para todos os outros.

SOLIDÁRIOS NA DOENÇA

SUBSÍDIOS PARA OS DOENTES E
AGENTES DE PASTORAL DA SAÚDE

Leocir Pessini



O livro reúne reflexões e as orações mais populares utilizadas no trabalho pastoral, para ler e rezar com e pelo doente, e também é um instrumento válido para quem trabalha na área da saúde, como profissional e/ou agente de pastoral.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Jesus, fonte de água viva

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus se aproxima das pessoas porque é relacional. É impossível pensar em Jesus se isolando de tudo e de todos. Há nele uma necessidade de conversar, interagir e ser fonte de água viva para todos em seus desertos pessoais. Por isso, podemos afirmar que Jesus via a si mesmo como um construtor de pontes. Ele caminhava em direção às pessoas que haviam sido isoladas em seus desertos e lhes apresentava nova e inusitada proposta de vida. Ao se aproximar delas, indicava que não eram invisíveis e, aproximando-as dele, aproximava-as da comunidade de discípulos e discípulas.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 17,3-7)

Até mesmo no deserto podemos experimentar o milagre e a providência de Deus. Muitas vezes permitimos que nossa vida se transforme em grande deserto porque não admitimos a presença divina nela. E milagres acontecem somente com essa presença. Por causa disso, não é estranho que de uma rocha saia água. Soaria estranho, na verdade, apenas se Deus não estivesse presente! Sem sua presença, continuaremos a produzir cactos, e nunca flores. A aridez da vida existe não porque a água tenha sido extinta, e sim porque teimamos em não beber da fonte eterna que nasce de dentro do coração de Deus. Somente ele faz brotar água em meio à aridez da vida.

Não sobrevivemos sem água. Muito menos sobreviveríamos sem água no deserto. Também de pouco adianta estarmos diante de uma fonte de água cristalina sem ter os recipientes necessários para pegar porções generosas dessa água. Nesse caso, a proximidade da água, sem a possibilidade de bebê-la, só aumenta a sede

e a ansiedade. O deserto e suas experiências certamente marcam a vida de muitos. Contudo, passar pelo deserto na companhia de Deus altera a experiência. Infelizmente, muitos continuam a passar sede, mesmo tendo a fonte de água ao seu lado. Não estamos destinados à aridez e ao deserto. Seres humanos foram feitos para florescer junto a ribeiros de água. No entanto, esquecemo-nos com grande facilidade de cuidar do jardim que somos e, eventualmente, não nos preocupamos com as flores que já deveriam ter florescido.

Nem mesmo o deserto pode vencer o Deus prodigioso que temos. Na própria paisagem característica de um deserto é que se manifestará a força e a criatividade divinas. Deus se utiliza da estrutura do deserto para transformá-lo em oásis. Essa é a transformação requerida por Deus a todas as pessoas: de pessoas-deserto para pessoas-oásis. Nas primeiras existe a morte, enquanto nas segundas superabunda a vida; na pessoa-deserto, a falta de esperança se transforma em alimento diário, ao passo que na pessoa-oásis a esperança cresce como árvore frondosa.

2. II leitura (Rm 5,1-2.5-8)

A segunda leitura nos apresenta a centralidade de Jesus Cristo. Paulo é, nesse sentido, cristocêntrico. É tão somente por meio de Jesus Cristo que se torna possível a justificação. Imerecidamente recebemos a plenitude da vida abundante. A demonstração de amor de Jesus atinge – por que não dizer – o ápice. Pecadores recebem a maior demonstração de amor possível. Aqueles que se achavam distantes, porque eram pecadores, veem diante de si a construção de uma ponte – mediante Jesus – para que possam atingir a plenitude da vida abundante. Pode-se dizer que Deus é o primeiro “construtor de pontes”, a fim de alcançar todos aqueles e aquelas que se consideravam inalcançáveis.

A esperança não decepçiona, mesmo em meio à tribulação. Não podemos nos esquecer de que o Império Romano, com seu sistema opressor e violento, gerava dor, destruição e

tragédia de forma diária. Exercitar a esperança que nasce em Deus se apresenta como verdadeiro antídoto para neutralizar as dores provocadas pelo império e exercitar a fé naquele que nos reconciliou.

3. Evangelho (Jo 4,5-42)

Há muitos lugares para Jesus ir. Em cada um deles, vive-se uma experiência diferente. Na leitura do Evangelho, Jesus se encontra junto a um poço. Logo em seguida, aproxima-se uma mulher samaritana a fim de conseguir um pouco de água. Então Jesus, num só ato, quebra dois paradigmas: conversa com a mulher, que, ademais, é samaritana. Vivia-se numa sociedade dividida entre homens poderosos e mulheres fragilizadas, na qual judeus não se davam bem com samaritanos; uma sociedade de melhores e maiores que sempre venciam os piores e menores.

Todavia, Jesus não é refém das barreiras que imobilizam e impedem a aproximação. A proximidade física dele em relação à mulher também é proximidade que produz humanização no relacionamento. Não há, para Jesus, divisão entre as pessoas. Todas devem se pensar como sujeitos de si mesmas. A mulher, por um momento, reproduz a cultura que divide, mas, posteriormente, compreende que Jesus é a fonte que jorra para a eternidade. Nesse momento, exclama: “Senhor, dai-me dessa água!”. A sede de sentido somente é saciada por meio de Jesus Cristo.

No entanto, o diálogo com Jesus produz mais perguntas na mulher samaritana. Perguntas que nascem da divisão entre as pessoas: onde devemos adorar a Deus? Meu povo diz que é na montanha, e o seu diz que é em Jerusalém. Religiões também podem e desejam aprisionar o próprio Deus. Aqui ou ali? Nesse tipo de religião, até mesmo Deus se encontra imobilizado. Jesus aproveita-se da dúvida e, pedagógica e catequeticamente, explica: “Deus é espírito, e é preciso que aqueles que o adoram o adorem em espírito e verdade” (v. 23). Orígenes certa vez descreveu e interpretou bem essa situação:

Você que segue a Jesus e o imita, você que vive na palavra de Deus, você que medita em sua lei de dia e de noite, você que se exercita em seus mandamentos e você que está sempre no santuário e nunca sai dele. Não é num lugar que você precisa procurar um santuário, mas nos atos, na vida, nos costumes. Se são segundo Deus, se são cumpridos segundo seus preceitos, pouco importa que você esteja em casa ou na rua, pouco importa inclusive que você esteja no teatro; se você serve o Verbo de Deus, você se encontra no santuário, não há dúvida alguma.

Logo após o diálogo com a samaritana, os discípulos chegam e estranham que Jesus esteja conversando com uma mulher. O preconceito persiste, indicando que Jesus precisará de mais tempo para catequizar seus próprios discípulos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) O que dizem as pessoas quando dizemos que somos cristãos? A pergunta tem um caráter de urgência. Se seguimos Jesus, precisamos, de todas as formas, falar e agir como ele falava e agia. Nosso jeito de ser revela que somos seus seguidores?

2) A demonstração de amor de Jesus pode ser considerada a maior demonstração de solidariedade. Jamais a humanidade foi amada a ponto de alguém dar a vida por ela. Quais seriam as formas por meio das quais poderíamos manifestar o amor e a solidariedade entre nós?

4º DOMINGO DA QUARESMA (LASR)

15 de março

**Se caminhamos na luz,
também iluminamos os
passos uns dos outros**

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus é luz que ilumina tanto o interior quanto o exterior. Somente quando nos aproximamos da luz é que podemos, de fato, conhecer quem

somos e para onde caminhamos. Afastados da luz, tornamo-nos cegos e nos distanciamos da missão e do propósito de Jesus. Quando iluminados, somos chamados a viver a vida de Jesus de forma pública, ou seja, inseridos na realidade do cotidiano a fim de transformá-lo.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Sm 16,1b.6-7.10-13a)

A primeira leitura nos mostra uma reviravolta na história de Saul. Mesmo ele estando vivo, um novo rei é ungido. Certamente o texto da primeira leitura é pró-Davi. O aspecto que se procura mostrar é que Davi é superior a Saul. Todo o texto é construído nessa perspectiva de elevar Davi e rebaixar Saul. Para reforçar essa concepção, é o próprio Deus que envia Samuel. A missão deste é muito específica, não há como errar. Samuel, contudo, erra. Ao ver Eliab, logo pensa ser este o ungido de Javé. O profeta possivelmente ficou impressionado com a aparência e a estatura de Eliab. Parecia, aos seus olhos, que aquele possuía todas as características para ser ungido rei. Todavia, o próprio Deus intervém: “Não se impressione com a aparência ou estatura dele. O homem vê as aparências, e Javé olha o coração” (v. 7). Samuel precisaria olhar com os olhos de Deus, e não de forma limitada, como até então fazia. Um após outro, foram apresentados os sete filhos a Samuel, e todos foram desaprovados. Diante desse fato, Samuel pergunta: “Estão aqui todos os seus filhos?” Jessé, o pai, responde: “Falta o menor” (v. 11). O menor havia se tornado invisível aos olhos do pai e dos irmãos. O menor representaria o mais fraco e o menos capaz, como aquele a quem falta maturidade. Invisível aos olhos de todos, mas visível aos olhos de Javé. O menor – Davi – é chamado e, para surpresa de todos, é ungido, tendo, a partir desse dia, o espírito de Javé se apoderado dele. A ação de Javé quebra os paradigmas instituídos. O relato da unção de Davi traz à memória a vocação de Gedeão para

ser juiz. Diante do chamado de Deus, Gedeão responde: “Por que eu? Eu sou o menor dos meus irmãos, e o clã a que pertencço é o mais pobre” (Jz 6,15). Olhar com os olhos de Deus permite enxergar a história desde seu reverso, ou seja, na perspectiva dos menores.

2. II leitura (Ef 5,8-14)

O projeto de Jesus é que se caminhe na luz. Afinal, ele próprio é a luz que ilumina o mundo. Consequentemente, a única possibilidade para aqueles e aquelas que desejam seguir o caminho de Jesus é brilhar como o próprio Mestre. Engana-se, porém, quem pensa que o tema da luz seja abstrato e imaterial. Não se trata de metáfora que leva ao isolamento ou à alienação. A luz requerida por Jesus produz frutos, ou seja, é útil não somente para a pessoa que brilha, mas também, principalmente, para as demais pessoas. E qual seria o fruto da luz? Surpreendentemente, o texto bíblico nos informa que são três os frutos: bondade, justiça e verdade. A surpresa reside no fato de que, a princípio, o texto bíblico fala no singular (fruto da luz) e apresenta o resultado no plural (três frutos). Possivelmente o texto queira dizer que o fruto da luz se expressa de forma múltipla e simultânea. Aquele e aquela que caminham na luz produzem em seus caminhos, continuamente, gestos de bondade, justiça e verdade. Caminhar é expressão cara nos textos bíblicos. Trata-se de expressão que indica desacomodação e desalojamento. Caminha-se para construir o Reino. Caminha-se não para fugir das trevas, e sim para produzir frutos da luz que denunciem as obras das trevas. Nesse sentido, é possível perceber a responsabilidade pública e cidadã de cada discípulo e discípula de Jesus.

3. Evangelho (Jo 9,1-41)

No Evangelho, encontramos Jesus diante de uma pessoa que havia nascido cega. Talvez fosse um encontro rotineiro, mas tomará todo o capítulo 9 para ser narrado. O homem cego se torna o centro das atenções, tanto para os

discípulos como para os fariseus. Ambos os grupos, ou seja, discípulos e fariseus, olham para a direção errada. As preocupações externas por eles não são relativas ao ser humano que sofre por causa de sua condição – o cego era mendigo, alguém condenado a viver na periferia da vida. Ele não via nada, e as pessoas, arbitrária e artificialmente, não conseguiam enxergá-lo. Diante do sofrimento físico e econômico do homem cego, discípulos e fariseus desejam discutir sistemas teológicos. Preferiam um sistema teológico que não se relacionava com a proteção da vida. De que vale uma teologia que não cuida das pessoas, principalmente das mais fragilizadas? Jesus responde à pergunta dos discípulos e vai além. Ele não é um teórico. Para Jesus, a reconstrução da vida é mais importante do que palavras teológicas vazias. Chama a atenção o fato de que o homem cego e mendigo, presumidamente pecador e incapaz de construir palavras teológicas, é que dá verdadeira aula de catequese. Diante da arrogância dos fariseus, que presumidamente se apresentavam como discípulos de Moisés e questionavam a autoridade de Jesus, o cego mendigo responde, de forma categórica:

Isso é de admirar! Vocês não sabem de onde ele vem. Justamente ele, que abriu meus olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas aquele que o respeita e faz sua vontade, a este Deus ouve. Nunca se ouviu falar de ninguém que tenha aberto os olhos de alguém que nasceu cego. Se esse homem não tivesse vindo de Deus, não poderia fazer nada (v. 30-33).

Jesus demonstra que mais cego são aqueles que não desejam ver; explicitamente, os que se julgam detentores da verdadeira religião e juízes de todos os outros que são diferentes do “modelo” que construíram. Porque são cegos, não conseguem ser luz para aqueles que vivem na periferia da vida. Jesus, aproximando-se do homem cego e mendigo, mostra, de

CASA COMUM OU GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA?

ENSAIOS SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL, FRATERNIDADE, POLÍTICA E PAZ

Paulo César Nodari



Neste livro, o autor Paulo César Nodari nos apresenta cinco ensaios com reflexões sobre grandes desafios éticos e políticos de nosso tempo, motivadas, especialmente, pelas cartas encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), do papa Francisco.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

forma bastante clara, que nos aproximamos de Deus quando nos aproximamos dos sofrendores deste mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) Jesus é luz, mas existem aqueles que preferem viver na escuridão da noite. Negligenciam a luz tanto interior quanto exterior. Quais seriam as possíveis maneiras de, iluminados, iluminarmos os caminhos de tantas pessoas que vivem processos de exclusão existencial, emocional, religiosa e social?

2) Aqueles(as) que vivem na luz produzem frutos enquanto caminham: quais seriam os frutos? Bondade, justiça e verdade. Indiquemos em quais ações e/ou comportamentos podemos encontrar os frutos da luz.

5º DOMINGO DA QUARESMA (LASR)

22 de março

Da morte para a vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

Imagens de ossos secos e de túmulos sempre trazem à mente a perspectiva da desolação, do limite da vida humana, da dor e da falta de esperança. Nessas situações-limite, a presença de Deus faz toda a diferença. Ossos secos recuperam o vigor da vida, Lázaro ressuscita e o Espírito de Deus resgata a esperança que havia sido perdida. O Espírito é quem provoca a renovação do ser humano. Por isso, onde existiam os sintomas da morte, a presença do Espírito produz a celebração da vida.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 37,12-14)

A primeira leitura está inserida no contexto da visão do vale de ossos secos do profeta Ezequiel. A imagem dos ossos secos e dos túmulos representa a condição de um povo morto, sem espírito e sem sentido de vida. Ezequiel é profeta que exerce sua atividade

em meio ao exílio, uma época de dor e sofrimento – afinal, tudo quanto era importante, significativo e garantidor da própria identidade do povo de Deus deixara de existir. O poderoso exército da Babilônia, liderado por Nabucodonosor, invadiu e destruiu a cidade e o templo. Pensava-se, naquela época, que a cidade e o templo eram invioláveis porque Deus se fazia presente. As certezas do povo desmoronaram, e, em terra estranha, exilados, “à beira dos rios da Babilônia, aí nos sentamos e choramos” (Sl 137,1). Se a dor está presente no cotidiano do povo, Ezequiel, nessa belíssima visão, mostra que Javé também se encontra presente. Todo o capítulo 37 proporciona a reflexão de que a esperança está germinando em meio ao sofrimento. Se a esperança parece escapar por entre os dedos e o desânimo não proporciona saída, o espírito de Deus sopra, restaurando todos aqueles que o exílio fatalmente havia atingido.

A ação é do próprio Javé. Ele é o protagonista da salvação. O Deus que está plenamente vivo e ativo para restaurar a vida e a esperança de seu povo. A depender da tradução, é possível ler, por duas vezes, a expressão “povo meu” (v. 12.13). Se o povo anteriormente, quando da destruição de Jerusalém, pensava ter sido abandonado por Deus, a expressão demonstra que, da parte de Deus, permanecem inalterados os vínculos de afeto e de pertença do povo em relação a ele. Isso explica as múltiplas promessas: “vou abrir”, “tirar vocês”, “levá-los”, “colocar meu espírito”, “colocarei em sua própria terra”, a fim de que o povo saiba que ele é Javé.

2. II leitura (Rm 8,8-11)

O apóstolo Paulo contrapõe dois projetos, dois estilos de vida diferentes: um orientado pela carne (os instintos humanos) e outro orientado pelo Espírito. Um projeto conduz à morte; o outro, à vida. Não é possível conciliar um com o outro. Aqueles que vivem o projeto da carne desagradam a Deus, e aqueles que vivem o projeto do Espírito são agradáveis

a Deus. Na teologia paulina, o Espírito habita no discípulo de Jesus. O Espírito, portanto, é a confirmação de que se pertence também a Jesus. E, da mesma forma como o Espírito ressuscitou Jesus dentre os mortos, ele também produzirá vida nos corpos mortais. O Espírito é quem provoca a renovação interior. Onde existiam os sintomas da morte, a presença do Espírito produz a celebração da vida.

3. Evangelho (Jo 11,1-45)

Jesus sempre chama para a vida. Mais do que isso, chama a cada um pelo nome. O Evangelho narra a doença e a morte de Lázaro. Suas irmãs se incomodam com o sofrimento do irmão e, apressadamente, enviam uma mensagem para Jesus: “Seu amigo está doente” (v. 3). Jesus mantém com Lázaro relação de autêntica amizade.

Há, por parte dele, preocupação genuína, própria dos amigos. Assim, ele tranquiliza as irmãs diante do desespero vivido: “Essa doença não é para a morte” (v. 4). Diante de um ambiente marcado pela dor, o Evangelho nos lembra que Jesus amava Marta, Maria e Lázaro. Jesus sentia empaticamente a dor de Lázaro e, por isso, decide permanecer no mesmo local por mais dois dias. Não lhe é possível virar as costas àqueles que sofrem. A solidariedade sempre deve ser maior do que os próprios interesses. Assim, Jesus não se apresenta nessa narrativa como se fosse um grande bloco de gelo. A situação do amigo o incomoda sobremaneira.

Não há sofrimento estranho para Jesus. Por conta disso, e para desespero dos discípulos, ele decide retornar à Judeia. Como voltar para um lugar que respirava perigo? O que levaria Jesus a caminhar três quilômetros e arriscar a própria vida? A única resposta possível é a solidariedade que nasce em meio à dor. Jesus não pode seguir seu caminho se o caminho de seu amigo se encontra obstaculizado pela dor. Mais do que isso: a dor do amigo não permite que Jesus caminhe seus próprios

passos. Diante da dor do próximo, os passos dados somente podem ser em direção a ele. Enfim Jesus chega – após quatro dias – à casa de Marta e de Maria. Quatro dias em que a dor havia se tornado tão penetrante, que as lágrimas já não podiam ser contidas: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido” (v. 21.32), dizem as irmãs, uma após a outra. Pensavam que a ressurreição era um projeto apenas para o futuro e se esqueciam de que o projeto de Jesus proporciona vida plena desde já. A promessa de Jesus é clara: “Seu irmão vai ressuscitar” (v. 23). Por duas vezes lemos que ele “se comoveu interiormente e se perturbou” (v. 33.38).

Não havia como permanecer impassível perante tamanha dor. Diante do local onde o corpo de Lázaro havia sido colocado, Jesus gritou bem forte: “Lázaro, venha para fora” (v. 43). A personalidade de Jesus impressiona. Ele não é impessoal, glacial e apático. Trata as pessoas pelo nome. Proferindo o nome, demonstra não só a proximidade do relacionamento, mas também a maneira mediante a qual se constrói a solidariedade em meio à dor. A ressurreição de Lázaro é bela catequese para que ouçamos as palavras de Jesus – dirigidas a cada um de nós – e acreditemos na vida em abundância que ele nos traz tanto no já quanto no ainda não.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A ressurreição de Lázaro pode ser considerada bela catequese para que ouçamos as palavras de Jesus – dirigidas a cada um de nós – e acreditemos na vida em abundância que ele nos traz tanto no já quanto no ainda não. De que forma podemos compreender nossa missão numa sociedade que provoca a morte de milhares de pessoas diariamente, sobretudo das mais fragilizadas?

2) Na visão do vale de ossos secos, é o próprio Javé que toma a iniciativa. Os ossos secos não podem fazer nada por si mesmos. Nessa cena, o grande e único protagonista é Deus.

Chamados para servir

I. INTRODUÇÃO GERAL

Tornamo-nos discípulos numa caminhada de obediência e de esperança ativa. Não basta nos autoproclamarmos discípulos e permanecermos na mesma condição indefinidamente, pelo resto da vida. A imobilidade não deve fazer parte do perfil daquele que segue Jesus. O próprio Jesus renuncia ao direito de ser tratado como Deus para ser tratado como ser humano e, entre os humanos, ser tratado como um entre os menores. O serviço é sempre desinteressado. Serve-se por vocação. Vocação de discípulos e discípulas que vão ao encontro dos necessitados deste mundo.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 50,4-7)

A primeira leitura se refere ao terceiro cântico do Servo. Nesse cântico, é retratada, de maneira cristalina, a missão do Servo, marcada pela escuta da Palavra de Deus, pela fidelidade ao anúncio, pela perseguição e pela resistência. O texto insiste na condição do Servo como discípulo. Por uma vez, ele é retratado como discípulo que possui uma língua “dada” por Deus e, por três vezes, é retratado como alguém que ouve. Notemos que Deus é sempre o autor da ação – ou seja, a ação é externa. Nada se inicia no Servo. Sempre é Deus que age tanto para o discípulo falar quanto para ouvir. Todavia, o ouvir se apresenta como de primordial importância. Ouvir tem a ver com obediência. O discípulo, portanto, faz-se numa caminhada de obediência e de esperança ativa. Não basta se autoproclamar discípulo e permanecer na mesma condição indefinidamente, pelo resto da vida. A imobilidade não deve fazer parte

do perfil daquele que segue Jesus. A figura do Servo sofredor abre uma perspectiva nova. O personagem profético designado com o nome de Servo padece o sofrimento porque veem nele a consequência dos pecados do povo. Ele carrega as dores dos outros. Todavia, o martírio vivido pelo Servo se apresenta como cura para as outras pessoas. Visto que justificou a multidão, o Senhor o exaltará e aceitará seu sacrifício.

2. II leitura (Fl 2,6-11)

O texto de Paulo em Filipenses 2 é contracultural. Trata-se de texto que subverte a lógica da sociedade e produz um projeto de vida na perspectiva dos menores. Jesus renuncia ao direito de ser tratado como Deus para ser tratado como ser humano e, entre os humanos, ser tratado como um entre os menores. Ele se apresenta como obediente. Não se importa se essa obediência o levará à morte. O que mais lhe importa é sua presença entre as muitas cruces que o Império Romano disseminava naquela época e as muitas cruces que nosso povo hoje precisa carregar. Bem que ele poderia ter se encarnado como um membro do sinédrio judaico, um senador romano, quem sabe um proprietário de terras ou, ainda, como um César. Contudo, como poderia se assemelhar a todos aqueles que utilizavam de seus espaços de poder econômico, religioso e político para oprimir o povo? Necessariamente, o projeto de Jesus nasce desde baixo. Ele se encontra na base da pirâmide social do Império Romano. Não se encontra, porém, sozinho. Junto a ele estão milhares de escravos que sofrem à espera do surgimento da esperança. Jesus se esvazia porque somente vazio pode preencher-se, assim como preencher os outros. Que lógica invertida: somente vazios é que podemos ser bênçãos para os outros. Nesse belíssimo texto, temos dois movimentos brilhantes: um descendente e outro ascendente. Jesus, num movimento descendente, esvazia-se e humilha-se, e Deus, num movimento ascendente, eleva à condição

de Senhor aquele que havia chegado à mais baixa humilhação. No entanto, cabe-nos observar que Jesus, elevado à condição de Senhor, não se apresenta como um César. Ele sempre se apresentará como o Senhor que é, ao mesmo tempo, servo.

3. Evangelho (Mt 27,11-54)

Lavar as mãos e ser indiferente a uma situação é o mesmo que assumir uma posição. Querendo ser neutro, Pilatos assume posição contrária à proteção da vida. Nesse período, a Palestina está sob forte dominação romana, e Jesus se encontra diante do governador para ser julgado. O sinédrio tinha seus limites, isto é, podia realmente condenar alguém à morte, mas não tinha competência para executar a sentença. O episódio transcorre sob o manto da farsa. As autoridades judaicas e o representante do poder do império possuem seu próprio interesse político. Jesus permanece calado a maior parte do tempo. Não compactua com nenhum desses grupos. Para ele, ambos os grupos agem em benefício próprio. O destino de Jesus é a cruz. A cruz era considerada a punição mais grave que se poderia implementar. Em termos de severidade, somente podia ser comparada aos jogos de entretenimento populares nos quais se lançavam as vítimas às bestas-feras. A crucificação, todavia, era muito mais comum, porque não necessitava de festa popular para ser executada com todo o seu rigor. Bastava, na verdade, haver madeira suficiente para decorar com cruzeiros as estradas do império. Nesse sentido, o espetáculo seguiria um fluxo contínuo, não dependendo, é claro, do calendário dos festivais.

No mundo romano, a crucificação, portanto, era plenamente coroada de significação política. Como meio de punição capital de crimes hediondos, constituía a “pena romana suprema”, quase sempre infligida às classes inferiores. Era a condenação típica aplicada a escravos, como meio de dissuasão. Punição política e militar do Império Romano e instrumento para

IGREJA EM SAÍDA SINODAL PARA AS PERIFERIAS

REFLEXÕES SOBRE A I ASSEMBLEIA ECLESIAL DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

Geraldo Luiz de Mori / Francisco de Aquino Júnior (orgs.)



Versão
E-Book

A Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe (2021) foi um passo importante no caminho sinodal proposto pelo papa Francisco como método para uma reforma da Igreja em seu conjunto.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

contra-atacar o que se considerava terrorismo de Estado, sua função era impedir a resistência ou a revolta, especialmente entre as classes inferiores. Em se tratando de Jesus, é possível dizer que o Império Romano raramente exercia seu poder sem necessidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que o império “não crucificava professores ou filósofos”. Se Jesus tivesse se movido apenas no âmbito das palavras ou das ideias, os romanos provavelmente o teriam ignorado. Muito mais do que as palavras, eram as ações de Jesus que incomodavam o projeto da disseminação da *pax romana*. A neutralidade não cabe no projeto de Jesus. Ele é sempre a favor da vida e contra todos os instrumentos que produzem e disseminam a morte.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A cruz, no primeiro século, contrapõe-se à liberdade. Nas cruzes (sempre será necessário pensar tais instrumentos de tortura no plural, pois, afinal, se espalharam absurdamente pelas estradas da Palestina) não são pendurados apenas corpos. Ali permaneceram histórias de vida que não puderam ser completadas, que foram sacrificadas no altar do império. Nas cruzes do império se encontram corpos de escravos e, nos corpos, uma esperança de libertação.

2) Não existe neutralidade no seguimento de Jesus. Não se pode dar a mão, simultaneamente, a Deus e a Mamom (dinheiro); à solidariedade e ao egoísmo; à misericórdia e à violência. O Evangelho de Jesus Cristo conduz a uma tomada de posição!

CEIA DO SENHOR (LASR)

2 de abril

Discernir o corpo de Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A pergunta de Jesus ressoa até hoje e nos desafia: “Vocês entendem o que lhes tenho feito?” (Jo 13,12). Passados dois mil anos, será que de fato entendemos o gesto de Jesus?

Para responder, seria necessário olhar para a maneira como vivemos em comunidade. Há comunhão ou divisão? Diálogo ou monólogo? Partilha ou ostentação? Serviço ou busca de privilégios? Estamos próximos ou distantes do projeto de Jesus?

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 12,1-8.11-14)

Os israelitas celebravam, todos os anos, o memorial do êxodo, comendo o cordeiro pascal. Tratava-se de memorial de libertação. Celebrava-se, antes de mais nada, a proteção da vida. A Páscoa, nesse sentido, adquiria um sentido subversivo. Era uma celebração que questionava a escravidão em todas as suas formas, ao invocar a presença de um Deus libertador. Toda Páscoa deveria levar à libertação e ao processo de libertação. Afinal, diz o texto: “Vocês o comerão como se estivessem preparados para caminhar, de sandálias nos pés e cajado na mão” (v. 11). Páscoa não representa somente festa, mas também preparação para o que está adiante. Toda Páscoa, por conseguinte, aponta para a frente, ou seja, para aquilo que ainda não existe, mas se deseja. Celebra-se, portanto, a libertação não somente da opressão cotidiana, como também das possíveis prisões do futuro. Páscoa como memorial é a subversão da esperança. Nenhum opressor pode dormir tranquilo quando o povo de Deus celebra a Páscoa. O faraó que o diga!

2. II leitura (1Cor 11,23-26)

A segunda leitura nos oferece o relato mais antigo da instituição da Eucaristia. Paulo afirma que aquilo que transmite foi recebido do próprio Senhor. Ele recorda aos coríntios que a fração do pão remonta ao próprio Jesus e que se reveste, por consequência, de importância central na vida da Igreja. A Eucaristia pode e deve ser compreendida como a celebração atual desse grande passo por meio do qual

Aprenda com os Santos Padres a olhar para Maria, o primeiro sacrário. Deixe que eles reavivem sua fé para receber Jesus no Santíssimo Sacramento. A Eucaristia é o Pão do Céu que nos alimenta nesta jornada.



APROXIME-SE DA MESA ONDE ESTE MESMO
CRISTO SE FAZ NOSSO ALIMENTO



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



**COMPRA
AGORA!**

Entre na vida íntima de Deus, o mistério de amor
que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Os Padres da Igreja nos ensinam que a Trindade
é a razão por trás de toda a beleza da Criação
e do sacrifício da Redenção.



COMPLETE A SUA JORNADA DE FÉ COM
A MAIS SUBLIME DAS CONTEMPLAÇÕES



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus



**COMPRA
AGORA!**

Jesus arrastou atrás de si aqueles que aceitaram o desafio do amor. Já não caminhamos separados de Jesus. Caminhamos, sim, iluminados por ele. O contexto das palavras de Paulo é bem específico da comunidade de Corinto. Nela haviam surgido inúmeras divisões que acabavam comprometendo a unidade do corpo de Cristo, e, além disso, a celebração do memorial do Senhor havia se degenerado em espetáculo escandaloso. Paulo relembra a instituição da Eucaristia num ambiente fortemente marcado por divisões. Para ele, a Eucaristia deveria ser pensada e vivida como memória da morte de Jesus e como dom de vida para a humanidade. A Eucaristia, como dom de vida, deveria estar acima de qualquer divisão. Por meio dela, as barreiras seriam superadas e pontes, criadas. Já não haveria distância entre aqueles que se aproximavam da mesa do Senhor. Todos eles e elas seriam um só em comunhão com o Cristo.

Em outro capítulo (1Cor 1,10-16), Paulo já havia iniciado essa catequese, alertando a comunidade acerca dos perigos da divisão: “Vivam unidos em harmonia, sem divisões entre vocês. Sejam unidos no mesmo modo de pensar e no mesmo propósito. Estou me referindo ao que cada um de vocês anda dizendo: ‘Eu sou de Paulo’; ou: ‘Eu sou de Apolo’; ou: ‘Eu sou de Cefas’; ou: ‘Eu sou de Cristo’. Será que Cristo está dividido?” As brigas ameaçavam dividir a comunidade e revelavam a imaturidade dos discípulos e discípulas. Estes se esqueciam facilmente de olhar para Cristo e passavam a olhar uns para os outros como rivais numa competição. Uns queriam ser melhores do que os outros e, por conta disso, não havia espaço para o amor, a partilha e o serviço. O corpo de Cristo estava, pois, fragmentado. O Cristo que havia morrido e ressuscitado para que todos fossem um nele corria o risco de ser transformado num Cristo dividido por causa da imaturidade de muitos.

3. Evangelho (Jo 13,1-15)

Doação, amor e serviço poderiam ser o resumo da Eucaristia. O núcleo fundamental do amor é o serviço. Para João, a verdadeira Páscoa é aquela que Jesus celebrará com sua morte na cruz. Um caminho que Jesus fará livremente, e não por imposição, ao mesmo tempo abrindo caminho para que o Pai seja reconhecido pela humanidade. Tomar a refeição juntos é sinal verdadeiro de comunhão e partilha. Não convidamos à mesa pessoas desconhecidas. Na mesa nos nutrimos do verdadeiro alimento da fraternidade. Jesus vive esse clima familiar com seus discípulos. O Mestre ocupa o lugar de honra, como seria normal. No entanto, Jesus inova e causa reflexão. Ele se despoja de sua autoridade e pega o avental a fim de se tornar servo. Para Jesus, amar é servir! Pedro se escandaliza, porque quem deveria lavar os pés dos mestres seriam os escravos. Para Jesus, o serviço é sinal de encontro com Deus. Não é necessária a busca pelo primeiro lugar quando se compreende que o corpo do outro é o mais verdadeiro e real altar que temos. Jesus assume a posição de servo para nos apontar o caminho do serviço desinteressado e solidário ao próximo.

Pedro, todavia, não compreende a *performance* de Jesus. Talvez estivesse vivendo um momento de conversão. Talvez tivesse se acostumado e já não ligasse para as relações desiguais que sua sociedade apresentava. Já não se espantava com as desigualdades sociais. Afinal, sempre havia sido assim e, certamente, continuaria do mesmo modo. Não é dessa forma que a maioria de nós pensa? Para ele, mestre e discípulo eram funções que determinavam o maior e o menor, isto é, quem mandava e quem obedecia. Jesus atropela a cultura de dominação e propõe nova forma de relação social. A partir de Jesus, as pessoas se relacionam como iguais. Lavar os pés traz o símbolo da humildade do discípulo que se apresenta como o menor de todos e que, por isso mesmo, é o escolhido de Deus.

“Vocês entendem o que lhes tenho feito?” (v. 12) é uma pergunta preciosa, dirigida aos discípulos de todos os tempos. Afinal, o gesto de Jesus tem forte valor simbólico e revolucionário. Ele inverte completamente a maneira de pensar as relações interindividuais. Por isso, a pergunta é necessária. Ele está, na verdade, instituindo um paradigma, um modelo ou, se quisermos, um precioso testamento. Então ele continua: “Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam do modo como eu fiz” (v. 14-15). Na comunidade de Jesus não se pode reproduzir o mesmo estilo de vida existente na cultura greco-romana. O serviço é palavra de ordem e, por consequência, não há maiores e menores. Existe, sim, uma comunidade de iguais. A prática do serviço identifica o verdadeiro discípulo. O discípulo se despe da arrogância e se mune de toalha e de bacia. Não há nada mais belo do que um discípulo que se sabe um servo entre todos e se reconhece como tal. Jesus, nesse momento, chama-nos todos para sermos diáconos uns dos outros.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) Todos sabemos que a celebração eucarística é partilha. Temos clara compreensão de que Jesus doou sua vida para que ela se multiplicasse em nós. Contudo, temos dificuldades para entender que nossa aproximação da mesa do Senhor exige de nós a mesma partilha. Já pensamos que somos pequenas hóstias de Deus para o mundo?

2) É preciso viver a Páscoa como um projeto de libertação que atinge não somente a pessoa, mas também a história, transformando tanto uma quanto a outra. Nesse sentido, o mistério da Páscoa atinge todas as dimensões, isto é, tanto o interior do ser humano quanto o mundo em que ele vive.

Uma morte humana, demasiado humana

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus não agia nem decidia como se tudo estivesse programado; ou seja, não seguia um *script* que determinava tanto o que falava quanto o que fazia. Não podemos pensar que Jesus fosse uma marionete nas mãos de Deus. As ações dele e suas palavras/mensagens eram marcadas pela solidariedade diante das tragédias da vida. É mais razoável assentir que o cotidiano de Jesus se configurava em função das dores e das crises de seu povo. Em meio à contradição da vida de homens e mulheres é que ele se inseria e decidia seus discursos e comportamentos. Jesus fez da solidariedade seu grande programa de vida. E nós?

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,13-53,12)

Na primeira leitura, encontramos-nos com o quarto cântico do Servo. Nesse cântico, o sofrimento e a morte são consequência da missão. Posteriormente, os redatores do Novo Testamento farão a releitura desse texto como se tratasse da morte de Jesus. Não há sacrifício expiatório, e sim prática de solidariedade. Deus não precisa de uma vítima expiatória para salvar o povo. Precisa, sim, de ações de misericórdia e de solidariedade em relação às pessoas. A prática da solidariedade é muito mais útil do que o sacrifício. Na verdade, podemos dizer que a antropologia é muito mais importante do que a teologia; ou seja, a maneira como tratamos uns aos outros interessa mais a Deus do que a maneira como o tratamos. O texto de Isaías insiste na substituição do sacrifício pela prática da solidariedade: “No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega sua vida em reparação pelos pecados,

então conhecerá seus descendentes, prolongará sua existência, e o projeto de Javé triunfará por meio dele” (v. 10). Com isso, desautoriza a teologia oficial do pós-exílio, que se fundamentava na prática do sacrifício.

2. II leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9)

Jesus somente está junto a Deus por ter exercido a solidariedade para com as pessoas. Nele podemos manter a fé, porque seus passos sempre se direcionaram àqueles que precisavam urgentemente de gestos de solidariedade e de fraternidade. Nele não há insensibilidade à fraqueza, pois foi justamente a partir da fraqueza que se fez forte. O auxílio oportuno somente se manifesta quando temos condições de nos juntarmos aos pobres e fracos deste mundo. A obediência encontrou em Jesus a plenitude (v. 7-9). Tornou-se ele mesmo exemplo que deve ser seguido e imitado. Sua obediência produz frutos não para ele mesmo, mas para todos quantos lhe obedecem. Para estes, ele se torna “fonte de salvação” (v. 9). Por ter se solidarizado com a humanidade ao enfrentar a morte, Jesus pode ser chamado, ao mesmo tempo, de Filho de Deus e sacerdote de Melquisedeque. Desde que Cristo se assentou no trono de Deus, já não há perigo para os crentes se aproximarem dele (cf. Is 6,1-6; Ex 19,21), visto que se converteu em “trono da graça” (v. 16), pois se apresenta como nosso irmão, conhece por experiência (v. 15) nossa situação de debilidade e, por isso, está presente solidariamente para nos socorrer.

Deve-se salientar que o autor de Hebreus, ao falar do sumo sacerdote, abre mão do aspecto de autoridade (Hb 3,1-6) para insistir unicamente no aspecto da solidariedade. Cristo se mostrou solidário à humanidade ao haver adotado uma atitude de humildade. Hebreus 5 descreve de forma bastante precisa o caminho de humildade e de solidariedade que conduziu Cristo ao sacerdócio. Trata-se de evocação impressionante da paixão de Cristo, que nos faz pensar particularmente

SUJEITOS NO MUNDO E NA IGREJA

João Décio Passos (org.)



Versão
E-Book

A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja no Brasil o interesse de dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

em sua oração no Getsêmani (Mt 26,36-44). Vemos como Cristo compartilhou até o fim nossa condição humana, com tudo o que isto supõe de miséria e de sofrimento. Em meio à angústia de uma morte iminente, ele reza, grita e chora (v. 7). Mostrando-se compassivo para com os fracos (Hb 5,2), sua situação corresponde àquela que todo sumo sacerdote precisa aceitar para ser capaz de verdadeira compaixão.

3. Evangelho (Jo 18,1-19,42)

A cena transcorre num jardim. Deliberadamente, Jesus nele entra para enfrentar, nesse momento, as forças do mal, que se apresentam na forma do poder imperial em aliança com as lideranças religiosas. É impressionante a força do diálogo entre Jesus e os soldados e como Jesus demonstra ter real clareza sobre sua identidade: “Quem vocês estão procurando?” Responderam-lhe: ‘Jesus Nazareno’. Jesus lhes disse: ‘Sou eu’” (18,4-5). Não há espaço para dúvidas. As palavras de Jesus são diretas, certas. Gaguejar, jamais. Tão certas são as palavras, e, mesmo que sejam apenas duas – EU SOU –, os soldados caem no chão. São palavras densas de significado e, portanto, não voltam vazias. O jardim ainda continuaria a produzir flores. As forças do mal até mesmo poderiam pensar que a vitória estava com elas. Os soldados cumpriam exemplarmente uma ordem militar. No entanto, desconheciam por completo que a entrega amorosa da vida de Jesus representava o retorno ao Pai e, consequentemente, o “reverdejamento” do jardim. O império do mal jamais poderia impedir a chegada da primavera. Uma morte humana, demasiado humana. Em seu relato da paixão, João insiste na soberana liberdade que Jesus manifestou ao se aproximar de sua própria morte. Ao enfrentar a tragédia que se avizinhava, ele teve a competência de converter essa prova inevitável em um ato de amor e de solidariedade. Nem por isso, porém, João

e os demais evangelistas deixam de mostrar a angústia e, provavelmente, a dúvida que se apoderaram de Jesus condenado à cruz. O próprio Jesus compartilhou a sorte comum a toda a humanidade. Com sua morte e ressurreição, a morte mudou de sentido. Decerto ela continua a ser o final aparentemente absurdo da existência humana. No entanto, de uma vez por todas, deixou de ser o sinal veemente da ruptura desesperada que nos leva para longe do Amor definitivo. A morte designa a caducidade biológica e a total finitude do ser humano. Ensina-nos que somos provisórios, não definitivos, e insiste em lembrar que possuímos um horizonte limitado. A ressurreição de Jesus nos recorda que há um retorno ao amor de Deus. Se, na primeira leitura, observávamos que o sofrimento e a morte do Servo eram consequências de sua missão, podemos também afirmar que o sofrimento e a morte de Jesus refletem sua missão junto ao povo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A solidariedade é marca essencial do discípulo de Jesus. É ela, fundamentalmente, que nos faz romper com nosso próprio mundo e passar a caminhar em direção a outros mundos de possibilidades. Solidários, temos condições de nos abirmos à partilha. Rompemos com a prática do egoísmo e com a cultura própria do consumo. Paramos de recitar o “compro, logo existo” para exercitarmos a prática de obras de misericórdia para com todos aqueles que nos rodeiam.

2) Jesus é o EU SOU que confronta os poderes da morte. Apenas a presença dele é suficiente para desestruturar toda e qualquer manifestação de antvida. Como testemunhas que somos do EU SOU, também nos cabe compreender que nossas práticas, valores e ações são suficientes para desestruturar as manifestações de morte, violência, pobreza e discriminação espalhadas por toda a sociedade.

Se o túmulo está vazio, o motivo é nosso coração estar cheio

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Vigília Pascal constitui o âmago de todo o ano litúrgico. Ela pode ser considerada a mãe de todas as vigílias, e, por isso mesmo, é fundamental que todos participem dela e vivam essa experiência. A vigília começa após o pôr do sol, no sábado santo, fora da igreja, onde o fogo é abençoado pelo celebrante. Esse fogo simboliza o esplendor do Cristo ressuscitado dissipando as trevas do pecado e da morte. Apresentamos-nos como discípulos do Ressuscitado com uma única palavra nos lábios – “Eis-me aqui” – e com a disposição para seguir o mesmo caminho trilhado por ele. Da escuridão nascerá a luz de Cristo. Jamais nossos caminhos serão marcados pela escuridão. Nele e por causa dele, a luz brilhará eternamente em nosso coração, a fim de que possamos também iluminar a vida daqueles que nos cercam. A Vigília Pascal se divide em quatro momentos: 1) liturgia da luz – o fogo é abençoado e torna-se novo para nós. Acende-se o círio pascal, o mesmo fogo que guiou o povo do Antigo Testamento na caminhada rumo à Terra Prometida; 2) liturgia da Palavra – todas as leituras e salmos recordam a ação de Deus no meio do seu povo. Pela proclamação da Palavra, a morte foi vencida, tudo se fez novo, e agora só há luz e vida; 3) liturgia batismal – os novos cristãos são acolhidos pela comunidade. Todos os santos são invocados para interceder por aqueles que serão batizados, e estes professarão a fé; há a renovação das promessas batismais daqueles que já receberam o sacramento. Sendo assim, todos são batizados pela ressurreição de Jesus; 4) liturgia eucarística – o Cristo proclamado na Palavra como Ressuscitado é o mesmo da Eucaristia. A Palavra e a Eucaristia são alimentos essenciais para a vida dos batizados.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

(Os comentários abaixo referem-se apenas a duas das oito possíveis leituras para a vigília)

1. I leitura (Gn 22,1-18)

Levantar-se cedo indica a prontidão de Abraão e seu desejo de obedecer. Diante do chamado, ele responde prontamente: “Eis-me aqui!” (v. 1). Estou presente! Eu não fujo! É a expressão de quem assume o projeto divino. Resposta de quem é chamado por Deus para uma missão. Diante do Deus que chama, não cabe qualquer outra resposta que não seja “eis-me aqui”. Quando o profeta Isaías foi chamado, sua resposta foi semelhante. Quando Deus nos chama, não há outra possibilidade válida a não ser nos apresentarmos diante dele. Isso não depende absolutamente de nossa boa vontade, se desejamos ou não, se estamos dispostos ou tomados pela preguiça, se temos talentos ou nos achamos incapazes de servir. Absolutamente não! Ao ouvirmos a voz de Deus nos chamar, cabe-nos ouvir atentamente e, com espírito de servos, seguir os passos a nós destinados.

Um dos muitos nomes pelos quais Deus pode ser conhecido é Providência. Em meio a tantas lutas e desafios que enfrentamos diariamente, cabe-nos ter a plena certeza de que Javé é o Deus de toda a providência. Diante dos temores de que alguma coisa nos falte, cabe-nos recuperar a mensagem de Abraão e meditar nela. Ele, num momento marcado pela angústia e pela incerteza, pela contradição e por um desafio enorme, levanta os olhos (v. 13). Não permanece com os olhos presos ao chão e a respostas humanas. Levanta os olhos como se estivesse à procura de uma saída e, ao fazê-lo, enxerga a resposta. Seus olhos encontram a resposta dada por Deus. Este já havia providenciado tudo quanto era necessário para resolver os maiores temores de Abraão. O patriarca já havia experimentado a presença do Deus peregrino, do Deus todo-poderoso, do Deus do impossível, e, agora, o Deus da providência estava bem à

sua frente. É importante saber e reconhecer que o Deus da providência conhece cada uma das nossas necessidades e, mais do que isso, caminha alguns passos à nossa frente. Não estamos à mercê das contradições deste mundo. Podemos ter a plena certeza de que o Deus que caminha ao nosso lado providencia as soluções necessárias e definitivas. A experiência de Abraão foi tão significativa, que o lugar ficou conhecido como aquele em que Deus providenciou a resposta (v. 14). O povo de Deus, quando no deserto, experimentou de muitas maneiras a Providência divina. Possivelmente a história da providência de Deus, alimentando-os com o maná, tenha se refletido na maneira de viverem. Contudo, tanto a história do maná quanto muitas outras existentes na Bíblia são relatos distantes de cada um de nós. Precisamos perguntar sobre nossas próprias experiências! Afinal, o Deus da providência é o mesmo ontem, hoje e será para sempre! Às vezes, no entanto, é tão difícil confiar na Providência de Deus. A exemplo de Abraão, cabe-nos aprender que ser dependentes de Deus não representa nenhum contratempo, porque ele sempre há de se manifestar como o “Deus da providência”.

2. II leitura (Is 55,1-11)

A leitura traz um oráculo dirigido aos pobres. A situação deles é por demais crítica, pois carecem de alimentos básicos para a sobrevivência. A vida deles se encontra ameaçada. Correm, na verdade, o risco de morrer antes do tempo. Morrerão não porque seja vontade de Deus ou porque não tenham nenhum projeto de vida pelo qual valha a pena lutar. A morte se aproxima deles por mãos de outros: dos injustos e violentos que os ameaçam e, com isso, agridem a imagem de Deus neles. Encontramos no texto interessante releitura da tradição davídica, ao afirmar a dimensão comunitária da aliança; ou seja, Deus faz aliança diretamente com o povo. Nesse sentido, o poder, que nas mãos dos reis era geralmente utilizado para oprimir o povo mediante a cobrança de impostos,

é, agora, entregue à comunidade a fim de que viva a prática da justiça e do direito.

3. Evangelho (Mt 28,1-10)

Se o Império Romano produz morte, a ação de Deus produz vida. Há completa desestabilização e inversão de papéis no relato do Evangelho: Jesus é ressuscitado e os guardas que cuidavam do túmulo “ficaram como mortos” (v. 4). Grande alegria invade as mulheres ao receberem a mensagem do anjo. Elas são as primeiras testemunhas da ressurreição. São as protagonistas do maior e mais fundamental evento da vida cristã. As mulheres discípulas fazem o primeiro anúncio. Pode-se até mesmo dizer que são as mulheres que evangelizam os discípulos nesse momento. Cumpre observar que o conteúdo da mensagem que elas anunciarão é, como o próprio anjo identifica, “Jesus, o crucificado” (v. 5). Nesse caso, a ressurreição é um dos sinais principais de que a violência do império contra Jesus e contra todos os pobres jamais terá a última palavra. Anunciar que Jesus, o Crucificado, ressuscitou é uma mensagem contracultural.

Enquanto as mulheres correm em direção aos discípulos, Jesus lhes aparece e sua primeira palavra como ressuscitado é: “Alegrem-se” (v. 9). Ressurreição é sinônimo de alegria. A morte foi vencida e, por isso, é necessário vibrar de alegria. O império da morte e da violência foi vencido, alegrem-se. O projeto de justiça, fraternidade e misericórdia de Jesus está vivíssimo, alegrem-se. Vida e alegria aproximam-se de tal forma em Jesus, que ficamos surpresos. Viver com alegria mesmo em meio à violência do império – de ontem e de hoje – é consequência do Ressuscitado entre nós. A ressurreição implica, dessa forma, repensar a vida desde o avesso, ou desde o contrário; representa resistência em meio à violência, alegria em meio à tristeza, protagonismo em meio à sujeição.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) Talvez possamos absorver a real intensidade da experiência abraâmica alterando os

termos que ali aparecem para sentir o forte impacto das palavras: retiremos, por alguns momentos, o nome de Abraão e insiramos nosso próprio nome. Conseguimos notar a diferença? Como responderíamos? Saibamos que Deus não se confunde, muito menos nos confunde. Ele nos chama pelo nome a fim de vivermos intensamente seu projeto. O princípio é bem claro: o chamado é sempre individual. Dessa forma, algumas perguntas se fazem urgentes: O que o Senhor quer de nós? Como podemos ser úteis para sua missão e para seu projeto de transformação deste mundo?

2) A presença do Cristo ressurrecto em nós tem a capacidade de nos libertar ou nos guardar do marasmo. Somente a força da ressurreição pode interromper os passos dados nos des-caminhos da vida. Nele podemos repensar a vida, os caminhos, os projetos e a maneira de vivermos como discípulos. Basta tão somente dizermos: “Eis-nos aqui, Mestre”.

DOMINGO DA PÁSCOA (LASR)

5 de abril

A Páscoa como o novo êxodo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Páscoa representa o centro de nossa fé. Muitos líderes religiosos viveram e morreram, mas somente o túmulo de Jesus se encontra vazio. Na libertação de Jesus, somos todos libertados. A morte, que era poderosa, tornou-se frágil. A maior e mais terrível força já existente, que ameaçava a integridade e a dignidade do ser humano, foi vencida, de uma vez por todas, pela ressurreição de Jesus.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,34a.37-43)

Na primeira leitura, encontramos o discurso que Pedro pronunciou na casa do centurião Cornélio. Nesse discurso é sublinhada, com insistência, a participação de Deus nos

IRMÃ DULCE

A SANTA BRASILEIRA QUE FEZ DOS
POBRES SUA VIDA

Karla Maria



Versão
E-Book

Este livro traz detalhes escondidos e íntimos da vida da Irmã Dulce. Seus passos e milagres são reconstruídos a partir de registros históricos, de um trabalho de apuração e de escuta atenta das testemunhas vivas que conviveram com a freira que dedicou sua vida a amar e servir.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

acontecimentos fundadores da Igreja: “Deus ungiu a Jesus com a força do Espírito Santo”; “Deus estava com ele”; “Deus o ressuscitou ao terceiro dia”; “Deus o nomeou como juiz dos vivos e dos mortos” (v. 38.40.42). O anúncio de Pedro é que o acesso à Igreja, que constitui um caminho de libertação, foi aberto por Deus a todos os homens e mulheres, tendo como única condição a conversão do coração. Estamos diante de incrível dupla conversão: tanto Pedro quanto Cornélio passam por um processo de transformação. Fronteiras e preconceitos devem ser vencidos, e, para isso, a presença do Espírito Santo é fundamental. O encontro de Pedro com Cornélio será de enorme importância para entendermos como, com base no amor de Cristo, podemos ser mais tolerantes uns para com os outros, apesar de nossas diferenças. Em Jesus já não há razão para pensarmos em impurezas. Não há cidadão de segunda classe e, por conta disso, uma revolução social tem início. Num sociedade onde os melhores são diferenciados dos piores, os maiores diferenciados dos menores, Jesus demonstra que o humano é muito mais importante do que a possibilidade de dividi-lo em puro ou impuro.

2. II leitura (Cl 3,1-4)

A ressurreição de Jesus representa nossa própria ressurreição. Esta traz novo estilo de vida, o qual se define como a busca das coisas do alto. Todavia, não se trata de trocar as coisas da terra pelas do alto e vivermos como se fôssemos alienados. O mundo em que vivemos foi criado por Deus; ele mesmo invadiu a história quando libertou os escravos no Egito e, supremamente, quando o Verbo se fez carne, assumindo a história da humanidade como se fosse sua própria história. Não é o caso, portanto, de desprezar a realidade do mundo em que vivemos, e sim de saber que temos um projeto do alto para este mundo. A valorização da história deve ser refletida na maneira como se vive o projeto de Jesus na realidade. Deus tem uma “densidade”

histórica muito perceptível. O Deus “incrído” invade a história humana para libertar todos quantos se encontrem escravizados.

3. Evangelho (Jo 20,1-9)

A Páscoa cristã representa um novo êxodo; uma nova passagem, na qual Deus deseja fazer que as pessoas saiam do país da servidão e caminhem em direção à liberdade. Longe das idolatrias que podem impedir o caminhar, deverá prevalecer o mandamento do amor. A libertação pascal acontece a partir do momento em que o discípulo missionário de Jesus sai de sua prisão pessoal e caminha em direção a Deus e aos irmãos e irmãs, a fim de amá-los. A paixão e a morte de Jesus significam que é Deus, e não a força humana, que nos liberta de nossos limites e impossibilidades. A interpretação do mistério pascal através dessa lente nos permite pensar em iniciativas de libertação social, econômica, ideológica e cultural de todos os oprimidos. Os cristãos, ao vivenciarem o programa de libertação presente na Páscoa, passam a colaborar com todos os que recusam o triunfo do ódio. Por ser puro dom de Deus, a ressurreição preserva o ideal da libertação de todas as armadilhas que tentam prejudicar o ser humano. Nesse sentido, é possível e necessário compreender a ressurreição como uma realidade holística, ou seja, uma realidade produzida por Deus, que busca a libertação integral do ser humano.

Uma cena com características curiosas: por correr mais depressa do que Pedro, o “outro discípulo” chegou antes ao sepulcro. Esse discípulo, “que queria ver Jesus”, viu e creu, conforme o evangelista (v. 8). Todo o Evangelho de João concede a esse amigo de Jesus certa preeminência em relação a Simão Pedro. Na manhã da Páscoa, é exatamente ele que tem a esplêndida intuição da fé no Ressuscitado. Uma fé libertadora, que se apresenta também como um presente do Deus vivo. Com a notícia do túmulo vazio, Pedro e o outro discípulo saem em desabalada carreira. Quem ama sai

correndo em direção ao amado. Ao chegar ao túmulo e vê-lo vazio, o discípulo sem nome espera a chegada do seu companheiro. Ele não se considera superior a Pedro. É paciente e espera. Podemos muito bem compreender, porém, que somente aquele que mais ama consegue ver coisas que os outros não veem. Através dos olhos desse discípulo, podemos ver que Jesus está vivo.

No primeiro dia da semana, conforme o texto bíblico, surge a nova criação que emerge da morte e ressurreição de Jesus. Foi num domingo que ele nos recriou a partir de sua ressurreição. Muito possivelmente, Maria Madalena representa a comunidade que está sem a perspectiva da fé e, por isso, não consegue assimilar a morte de Jesus. Como poderia ter morrido aquele em quem depositávamos toda a nossa fé? Ao olhar para o túmulo, ela pensava que ali Deus havia atingido seu limite. Um lugar que ficaria permanentemente marcado no imaginário do povo como o local do fracasso de Deus. Todavia, ela busca algo para preencher o vazio de seu coração. Anseia por vida, dignidade e amor. A fé sempre exige de nós algo a mais. Todos podemos ver as mesmas coisas, mas somente aquele que olha com fé poderá transcender-se a partir do olhar. O discípulo amado viu exatamente as mesmas coisas vistas por Pedro. Pode-se dizer que a qualidade do olhar fez toda a diferença. Mesmo que tudo possa indicar o contrário, aquele que olha com fé continua a caminhar; vê além dos horizontes e, mesmo que seja inverno, consegue antecipar a primavera.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) As atitudes de Pedro e Cornélio muitas vezes ressurgem nos comportamentos de cristãos que, não raro, se apresentam como intollerantes e com o desejo de separar as pessoas. Cultivam preconceitos contra tudo o que é diferente do próprio pensamento e imaginação e, por conta disso, em vez de buscarem a aproximação com as pessoas, acabam por

promover o afastamento. Como evangelizar nesse caso?

2) Numa sociedade onde os melhores são diferenciados dos piores, os maiores diferenciados dos menores, Jesus demonstra que o ser humano é muito mais importante do que a possibilidade de divisão. Quais seriam as práticas evangélicas que nos levariam a viver unidos, e não desunidos?

2º DOMINGO DA PÁSCOA (LASR)

12 de abril

Igreja: comunidade de vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja deve sempre ser pensada como uma comunidade de vida. Um lugar em que homens e mulheres vivam o discipulado em sua plenitude. Uma comunidade naturalmente terapêutica, missionária, fraterna e reflexiva. Uma comunidade que impacta a vida tanto daqueles que estão dentro quanto dos que se encontram fora. Por isso, a comunidade é geradora de nova realidade de fé. No entanto, não se trata de uma fé passiva ou que produza alienação. Ao contrário, estamos diante de uma expressão de fé que conduz a comunidade a ser missionária e a anunciar a todos o projeto transformador de Jesus.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,42-47)

A leitura traz o primeiro sumário do que podemos considerar uma comunidade-modelo. Cumpre pensar uma comunidade-modelo não como isenta de erros e inadequações, mas como aquela que deseja ser sinal autêntico de Jesus nas estruturas da sociedade, bem como na forma de viver comunitária. Desse modo, a comunidade de Atos, com suas características, pode ser compreendida como o contraponto da sociedade que circundava o povo de Deus. A comunidade-modelo de Atos é fundamentada

em quatro pilares, a saber: catequese, vida comunitária, Eucaristia e oração. Os quatro pilares agem tanto internamente quanto externamente. Trazem, assim, duplo impacto: no interior da comunidade, produzem a construção de nova realidade à luz do projeto de Jesus – novas relações interpessoais, novas relações econômicas, novas relações de ensino, novo relacionamento com Deus; externamente, por causa da prática interna, angariam a estima de todo o povo. O jeito de ser do povo de Deus impactava diretamente aqueles e aquelas que ainda não haviam aderido a Jesus. Por conta disso, a primeira comunidade-modelo pode também ser considerada uma comunidade missionária.

2. II leitura (1Pd 1,3-9)

Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo, fez-nos renascer para uma esperança viva. Assim, para o autor da carta, a ressurreição de Jesus atinge plenamente o ser humano, retirando-o de uma vida sem esperança e sem sentido, e conduzindo-o para a plenitude da vida. No entanto, não se deve pensar que a herança no céu se refira a uma forma escapista de viver ou mesmo fatalista e conformista. Trata-se, isso sim, da afirmação de que, embora os fiéis vivam entre “diversas provações” (v. 6), Deus assume, com seu poder, a cada um deles, seus filhos e filhas. O sofrimento, nesse sentido, pode ser compreendido como purificador e, dessa forma, a esperança ganha relevância no texto. A fé também é mostrada em sua essencialidade. Ela é mais preciosa do que o ouro. Mediante a fé, alcançamos a salvação de nossa vida, pois com ela podemos amar Jesus mesmo que jamais o tenhamos visto; não o vemos, e cremos profundamente nele. Além disso, por conta da presença dele, extravasa-se uma alegria contagiante, que não se pode explicar.

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

A repreensão dirigida a Tomé é um convite a diferenciar entre a prova e o sinal. A fé, em si, não admite nenhuma demonstração. Ela não

pode fazer mais do que surgir livremente dos sinais que são propostos. Contemporaneamente, parece que tudo é reduzido a provas. Até mesmo canonizamos a prova em detrimento do sinal. Por que não dizer que a fé somente pode nascer do único lugar capaz de ler os sinais, isto é, do coração? Tomé sente a dúvida crescer quanto mais se afasta da comunidade. Somente no meio da comunidade é que podemos crescer no amor e na unidade, fazer a experiência de fé que nos leva ao coração do Ressuscitado. Tomé não tinha uma fé amadurecida. Sua fé se encontrava em processo de maturidade. O texto do Evangelho não chega a dizer se Tomé tocou Jesus. Em compensação, traz uma declaração pública de fé, pois, a partir daquele momento, Tomé passou a acreditar de todo o coração. No entanto, não podemos nos esquecer de que Jesus também dirige a cada um de nós uma palavra importante, como a que segue: “Felizes os que creem sem ter visto” (v. 29). Essa palavra nos retira da zona de conforto e nos leva a exercitar uma fé amadurecida e sincera. A experiência do Ressuscitado nos transforma em verdadeiros anunciadores da maior força que já existiu em toda a história humana, isto é, a única força capaz de vencer a morte!

Tomé quer acreditar, mas do jeito dele. Querendo acreditar, faz o caminho inverso. Parece um discípulo mesquinho que se afasta do testemunho da comunidade. Ele somente acreditava segundo seus padrões já estabelecidos. Ao desejar uma manifestação pessoal e especial de Jesus ressuscitado, talvez estivesse desejando controlá-lo e manipulá-lo. Tomé possivelmente quisesse um Ressuscitado à sua imagem e semelhança. Ele individualiza a experiência comunitária ao dizer por três vezes: “Se eu não ouvir... se eu não colocar... se eu não colocar...” (v. 25). Egoisticamente, reduz a experiência coletiva do Ressuscitado à sua própria experiência. Portas fechadas indicam medo e insegurança. Pois é exatamente nesse ambiente marcado pelo medo que Jesus aparece, se coloca bem no meio dos discípulos e os saúda com a paz. O Cordeiro que

havia vencido a própria morte se apresenta com os sinais da vitória. Há comunhão e alegria no ar – uma demonstração de todos aqueles que se encontram com Jesus. A partir do encontro, a comunidade se fortalece para a missão. Não se fazem discípulos sem missão. Ser discípulo é assumir responsabilidades, e não privilégios. Jesus bem sabia disso e, portanto, disse enfaticamente: “Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,21). Fortalecidos pela presença do Espírito, eles poderão estabelecer novas formas de convivência com base nas quais o pecado que separava uns dos outros cederá lugar ao Reino do perdão e do amor mútuos.

Jesus chega trazendo paz ao coração daqueles que estavam perturbados. Ele é o doador da paz. Se tirarmos Jesus do centro de nossa vida, teremos o caos inevitável. Ele não somente traz a paz, mas também pede que essa mesma paz seja levada a outras pessoas. Quem vai garantir a missão da comunidade é o Espírito Santo, que gera força e relembra simbolicamente a ação de Javé quando criou o ser humano. Jesus, entre os seus, é o próprio criador da comunidade. Se a comunidade tem medo, agora ela passa a se guiar pela presença de Jesus ressurrecto. Já não há espaço para o medo no coração, pois este está totalmente ocupado com a presença de Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A experiência do Ressuscitado nos transforma em verdadeiros anunciadores da maior força que já existiu em toda a história humana, a única força capaz de vencer a morte! Como viver a ressurreição de Jesus em meio às múltiplas faces da morte presentes em nossa sociedade?

2) Em que medida as características da comunidade primitiva se manifestam em nossa comunidade atual? Relações de comparação poderiam ser feitas com objetivo pedagógico. O objetivo seria perceber se a comunidade atual está próxima ou distante das características da comunidade primitiva.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

ITINERÁRIO RUMO A DEUS
PARA O MUNDO ATUAL

Raniero Cantalamessa



Versão
E-Book

O itinerário para Deus é sustentado pelo exercício das três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Mas como podemos entender e viver adequadamente essas virtudes no mundo moderno? Neste livro, o cardeal Raniero Cantalamessa, que foi pregador da Casa Papal entre 1980 e 2024, utiliza uma estrutura litúrgica para nos levar mais profundamente à prática das virtudes teológicas.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Igreja missionária por excelência

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja deve ser compreendida como Igreja em saída, ou seja, missionária. A mensagem de Jesus ressuscitado não pode se tornar refém das quatro paredes de uma paróquia. Discípulos e discípulas não podem ser compreendidos como pessoas que se limitam somente às celebrações litúrgicas. É fora das quatro paredes que a missão ganha sentido. A Igreja não pode se acomodar e sonegar a mensagem da salvação a homens e mulheres. A missão exige o envolvimento de cada um da comunidade. Nesse sentido, todos os discípulos e discípulas são, simultaneamente, também missionários e missionárias.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,14a.22-33)

A Igreja existe para fazer missão. Ela é e deve ser compreendida, necessariamente, como uma Igreja missionária. Dessa forma, encontra-se sempre “em saída”, ou seja, não se tranca, muito menos foge de sua responsabilidade. Pedro, diz-nos a leitura, ficou de pé. Todavia, não foi uma ação isolada e particular do apóstolo. A ação de Pedro – seu discurso missionário – representava o desejo de todos, e, assim, todos os demais apóstolos se levantaram com ele. Todos naquele ambiente ouviam a voz de Pedro; no entanto, por meio daquela única voz, todo o corpo apostólico falava. Qual o conteúdo do anúncio de Pedro? Ele faz o anúncio da Boa-nova do Ressuscitado. Sabiamente se utiliza de passagens do Antigo Testamento para demonstrar como Cristo foi assassinado por meio da crucificação; todavia, a habitação dos mortos não conseguiu segurá-lo. Por isso, na comparação feita por Pedro, enquanto o túmulo do patriarca Davi podia ser visto até aquele momento, o túmulo

de Jesus se encontrava vazio. Jesus representa, a partir da ressurreição, a plenitude do amor e da misericórdia. Afinal, mesmo estando entre eles com milagres, prodígios e sinais, e tendo sido brutalmente assassinado e ressuscitado, continua a amar e ser misericordioso.

2. II leitura (1Pd 1,17-21)

A segunda leitura exprime uma série de exortações para o bem viver em comunidade, além de reforçar a identidade daqueles que assumem o discipulado como estilo de vida. O tom dos versículos recai sobre o comportamento que a comunidade deve exhibir. Seus membros não podem, na verdade, reproduzir os comportamentos que herdaram de seus antepassados. Embora estejam em terra estranha e vivam na condição de marginalizados, não podem negligenciar a vontade de Deus e dela se afastar. O fundamento das exortações é que eles foram resgatados por meio do sangue de Jesus Cristo. Prata e ouro, mesmo que possam mover mundos e fazer que os olhos de muitos brilhem, são perecíveis. Somente em Jesus é possível preencher “o vazio de viver” que é próprio a cada ser humano.

3. Evangelho (Lc 24,13-35)

Jesus já não se encontrava no túmulo, e a notícia que se espalhava era que ele havia ressuscitado. Muitos creram, e tantos outros consideraram a notícia absurda. Provavelmente nesse momento se inicia a dispersão daqueles que não acreditaram no testemunho das mulheres discípulas de Jesus – Maria Madalena, Joana e Maria. Entre os desconfiados, há dois discípulos que resolvem se afastar de Jerusalém. A cidade ainda respirava ares de ameaça. Os acontecimentos eram ainda bastante recentes, e o mais apropriado era se afastarem em direção a um vilarejo chamado Emaús. Dez quilômetros separam a cidade de Jerusalém do vilarejo de Emaús. Pode-se dizer, porém, que, quanto mais eles se afastavam da cidade de Jerusalém, mais ela se fazia presente neles. Conforme caminhavam,

os dois conversavam a respeito dos últimos acontecimentos. Seus pés os levavam para longe da cidade, mas a mente deles ainda se encontrava lá. Possivelmente estavam desanimados e a esperança lhes havia fugido por entre os dedos. Teriam de reiniciar a vida. Apostaram-na no projeto de Jesus e, nesse momento, para eles, Jesus se encontrava morto. Os dois discípulos fugiam do furacão que havia atingido toda a comunidade. A fuga era a única aparente saída para eles.

Entretanto, justamente nesse caminho é que Jesus se aproxima e passa a caminhar ao lado deles. Não somente caminha, mas também inicia um diálogo. Os discípulos têm os olhos embaçados de tal forma, que não reconhecem aquele que caminha com eles. Têm olhos e não podem enxergar. Jesus provoca: “Sobre o que vocês estão falando?” (v. 17). Com o rosto marcado pela tristeza, um deles responde: “Será você o único estrangeiro em Jerusalém que não sabe das coisas que aí aconteceram nesses dias?” (v. 18). Caracterizam os dois discípulos olhos que não conseguem ver com clareza, faces marcadas pela tristeza, pés que caminham sem esperança, mentes que não conseguem interpretar os últimos acontecimentos e corações que se esfriaram por falta de fé. Jesus faz uma primeira catequese aos dois discípulos desiludidos. Explica-lhes o que as Escrituras dizem a seu respeito. No entanto, será somente num segundo momento de catequese que os discípulos “acordarão”. Trata-se de catequese que integra gestos e palavras. Jesus, estando à mesa com os dois, toma o pão, abençoa-o, parte-o e o distribui. Nesse momento, os olhos dos discípulos se abrem e conseguem reconhecer Jesus, recordando-se de que, desde a primeira catequese, o coração deles ardia por causa das palavras que ouviram no caminho. Aqueles dois já não são os mesmos que haviam saído de Jerusalém. Foram transformados e, por conta disso, resolvem voltar para o lugar de origem. Voltam já não vazios e sem sentido de viver. Trazem no coração e na mente a mais fantástica das mensagens: Jesus realmente está vivo!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) Os discípulos fogem porque não conseguem compreender claramente o projeto de Jesus. Fazem um caminho com medo e assustados. Teriam renunciado a Jesus por causa da possível decepção que viveram? O caminho de Emaús pode ser considerado o caminho de cada um de nós. Somente o encontro com Jesus no caminho é que restaura a vida, produz motivação e expulsa a decepção.

2) Quais características da nossa comunidade indicam ser ela uma comunidade missionária? Quais características lhe faltam? De que forma seria possível alcançar as características faltantes?

4º DOMINGO DA PÁSCOA (FCFR)

26 de abril

O Cristo ressuscitado é pastor e porta que conduz à vida em abundância

I. INTRODUÇÃO GERAL

Todos os anos, a liturgia do 4º Domingo da Páscoa utiliza um trecho do capítulo 10 do Evangelho segundo João, o que justifica o título de “domingo do Bom Pastor” atribuído a este dia, uma vez que, no referido capítulo, Jesus é apresentado como o “Bom Pastor”.

A imagem do pastor sempre foi muito cara a Israel, um povo de origens ligadas à vida pastoril. Por isso, desde o Antigo Testamento, foi aplicada a Deus, o pastor por excelência, e às lideranças políticas e religiosas. Essa imagem está explicitamente presente na liturgia deste domingo no salmo, na segunda leitura e no Evangelho. Implicitamente, é possível identificá-la também na primeira leitura, pois aceitar o Ressuscitado como Senhor e Cristo é, acima de tudo, reconhecê-lo como pastor.

Oportunamente, o papa São Paulo VI instituiu este domingo também como o dia mundial de oração pelas vocações sacerdotais e religiosas, conferindo grande responsabilidade à Igreja ao celebrar este dia: reconhecer o

pastoreio único do Cristo ressuscitado e ajudar a suscitar homens e mulheres para viver e agir à sua maneira, cuja característica principal é a capacidade de amar em profundidade, a ponto de dar a vida pelos outros (cf. Jo 10,11).

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,14a.36-41)

A primeira leitura é a continuação do discurso de Pedro no dia de Pentecostes, cuja leitura foi iniciada no domingo passado. Embora o discurso seja atribuído ao apóstolo, sua construção é obra de Lucas, o autor do livro, e apresenta os elementos essenciais da primeira pregação apostólica, cujos destinatários principais eram judeus, como atesta o próprio texto: “Que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza” (v. 36a).

Como a ressurreição foi anunciada com bastante ênfase nos versículos anteriores, conforme a leitura do domingo passado (2,14a.22-33), no trecho lido hoje é apresentada a necessidade de conversão como consequência do reconhecimento de que Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, foi constituído por Deus como Senhor e Cristo – quer dizer, como Messias (v. 36b).

Ao dizer que os ouvintes “ficaram com o coração aflito” (v. 37a), o autor alude ao remorso de terem sido responsáveis pela crucificação e, ao mesmo tempo, ensina que o anúncio do Cristo ressuscitado é irresistível: é impossível ficar indiferente a essa maravilha realizada por Deus. Daí a pregação se torna, na prática, um diálogo com a assembleia, o que reflete provavelmente uma fórmula litúrgica utilizada durante o rito de admissão ao batismo na época da redação do livro dos Atos dos Apóstolos: após a homilia, os ouvintes perguntavam o que deveriam fazer (v. 37b), e o pregador respondia com um programa composto de três etapas fundamentais – a conversão, o batismo e a abertura ao dom do Espírito Santo (v. 38) –, como exigências concretas para a adesão plena a Jesus Cristo.

Essas exigências, inicialmente apresentadas aos judeus, são destinadas à humanidade inteira

(v. 39). Diante da salvação ofertada por Deus por meio do seu Filho, o ser humano é chamado à conversão, o que significa uma mudança de mentalidade para acolher o Espírito Santo e viver nova vida, assimilando os ensinamentos e o comportamento de Jesus. O batismo, nesse contexto, é a porta de entrada para a nova vida em Cristo, a vida em abundância que ele mesmo anunciou no Evangelho (Jo 10,10).

A conclusão (v. 40-41), mais do que descrever fatos concretos, revela o otimismo do autor e funciona como um estímulo aos pregadores futuros: o anúncio coerente do Ressuscitado, compreendendo o testemunho, é capaz de transformar corações e estruturas.

2. II leitura (1Pd 2,20b-25)

A primeira carta de Pedro, da qual é tirada a segunda leitura desta celebração, foi escrita no final dos anos 80 d.C., provavelmente em Roma, por um discípulo do apóstolo Pedro. É uma espécie de homilia destinada aos cristãos recém-batizados, especialmente aos da Ásia Menor, que enfrentavam dificuldades na vivência do Evangelho. Essas dificuldades eram causadas tanto por conflitos internos nas comunidades quanto por perseguições externas.

O trecho lido neste dia foi construído à luz do quarto cântico do Servo sofredor (Is 53,4-12); nele, o autor descreve o exemplo de Jesus diante do sofrimento, exortando os cristãos a fazer o mesmo (v. 21). O batismo agrega na mesma comunidade pessoas que antes poderiam ter vivido conflitos entre si. Uma vez batizadas, isto é, introduzidas na comunidade, todas as pessoas devem assumir a postura de Jesus, que sofreu por ter feito o bem (v. 20b), sem jamais recorrer à violência (v. 23). A resposta cristã ao mal só pode ser o bem, mesmo diante do sofrimento. Não se trata de mensagem de resignação, mas de esperança; é um chamado a viver o amor acima de tudo e a acreditar na sua força transformadora.

Diante disso, além de modelo a ser imitado, Jesus é reconhecido como o autêntico pastor

que resgatou a todos da condição de ovelhas desgarradas (v. 25), levando-os à condição de pessoas livres e justas, por ter carregado sozinho o pecado de todos (v. 24). Como pastor que ama incondicionalmente, mesmo perseguido e ultrajado, sua resposta é sempre o amor. É assim, portanto, que devem agir também os cristãos.

3. Evangelho (Jo 10,1-10)

O capítulo 10 do Evangelho segundo João é marcado pelo uso abundante da imagem do Bom Pastor aplicada a Jesus. O Evangelho deste dia corresponde aos dez primeiros versículos desse capítulo, no qual Jesus se apresenta também como a porta das ovelhas, reforçando sua identidade de único mediador entre Deus e a humanidade. Para compreender melhor todo o capítulo, sobretudo o trecho lido nesta celebração, é necessário recordar alguns elementos do capítulo anterior. Após ter curado um cego de nascença (9,1-7), Jesus foi hostilizado por alguns fariseus (9,13-16), que não aceitavam a origem divina da sua autoridade (9,16.29) e contestavam a veracidade da cura. O Evangelho deste dia, portanto, faz parte da resposta de Jesus aos fariseus, os verdadeiros cegos (9,39-41).

A solene fórmula de introdução “em verdade, em verdade” do v. 1 (em grego: *amén, amén*) indica a importância do que será ensinado; significa que se trata de catequese vital para a comunidade cristã, como de fato essa é, pois diz respeito à própria identidade de Jesus enquanto único pastor credenciado pelo Pai para cuidar do rebanho. Assim, em uma pequena parábola, construída segundo um paralelismo antitético, Jesus contrapõe o comportamento do pastor ao do ladrão e assaltante (v. 1-5). Com essa comparação, ele acusa os dirigentes políticos e religiosos do seu tempo de agirem como ladrões, alertando a comunidade para não se deixar enganar. Só é autorizado a cuidar do rebanho quem entra pela porta (v. 2), o pastor verdadeiro que é ele mesmo, pois foi enviado pelo Pai. Enquanto os líderes de Israel exploravam e oprimiam o povo, Jesus afirma que ser pastor é estabelecer uma relação

IMITAÇÃO DE CRISTO

Tomás de Kempis



Versão
E-Book

De elevada espiritualidade, a obra transcende o contexto histórico em que surgiu e constitui verdadeiro guia para toda pessoa disposta a comprometer-se com o seguimento de Cristo, percorrendo um caminho de intimidade e amizade com Ele.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

familiar com as ovelhas, mediante a escuta que gera confiança (v. 3); é promover a libertação das ovelhas e arriscar-se por elas, caminhando à sua frente em busca de liberdade e dignidade (v. 4). Quando o pastor é autêntico, as ovelhas não se perdem, porque conhecem e escutam somente a sua voz (v. 5); essa voz é o Evangelho, por meio do qual Jesus fala em todos os tempos.

A não compreensão dos interlocutores de Jesus (v. 6), os fariseus, só confirma a cegueira em que viviam (9,40-41). Diante disso, Jesus passa a falar de maneira mais direta, em primeira pessoa, ainda que simbolicamente, apresentando-se como a porta das ovelhas (v. 7). Assim, a denúncia contra os dirigentes de Israel se torna ainda mais dura, pois revela a ilegitimidade do poder exercido até então. São eles os ladrões e assaltantes a quem as ovelhas não devem escutar (v. 8). Só tem credibilidade diante de Deus quem passa por Jesus, a porta (v. 9). A imagem da porta representa, portanto, sua condição de único mediador entre Deus e a humanidade. A dinâmica do entrar e sair, facilitada pela porta, é sinal de liberdade: quem passa por Jesus é pessoa livre, pode entrar e sair e encontra pastagem (v. 9) – a vida em abundância que ele mesmo veio comunicar ao mundo (v. 10). Essa vida em abundância é, na verdade, a vida livre, digna e plena de amor; não se trata de uma vida para o além, mas da realização plena do ser humano neste mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As três leituras apontam Jesus como o pastor autêntico e fonte de vida em abundância. Para participar dessa vida, no entanto, é necessário passar por ele mediante o batismo e a conversão contínua (I leitura), adotar seu jeito de viver (II leitura), aceitá-lo como a única porta de acesso ao Pai e ouvir sua voz (Evangelho). Pedir oração por todas as vocações necessárias à edificação da comunidade cristã, especialmente pelas lideranças em atividade (bispos, presbíteros, religiosos[as] e cristãos leigos e leigas), para que sejam promotoras de vida em abundância.

OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO

São Boaventura



Este livro é um tratado sobre a graça e os sete dons do Espírito Santo. Segundo o santo doutor franciscano, para cada um dos sete pecados capitais existentes, há um dom do Espírito Santo pronto para destruí-lo.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

COMUNICAR-SE BEM É
UMA ARTE, MAS UNIR-SE À
ALMA DO OUTRO É UMA
VERDADEIRA GRAÇA QUE
VALE A PENA CULTIVAR.

Desenvolva relações
saudáveis e significativas!



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus



O TESTEMUNHO DE UMA FAMÍLIA QUE VIVEU O EVANGELHO EM SUA PLENITUDE

A jornada de Santa Teresinha, que
aprendeu a amar a Deus e a fazer
o bem observando o exemplo de
caridade e fé infindável de seus pais.

Inspire-se em buscar a santidade
nas pequenas coisas.

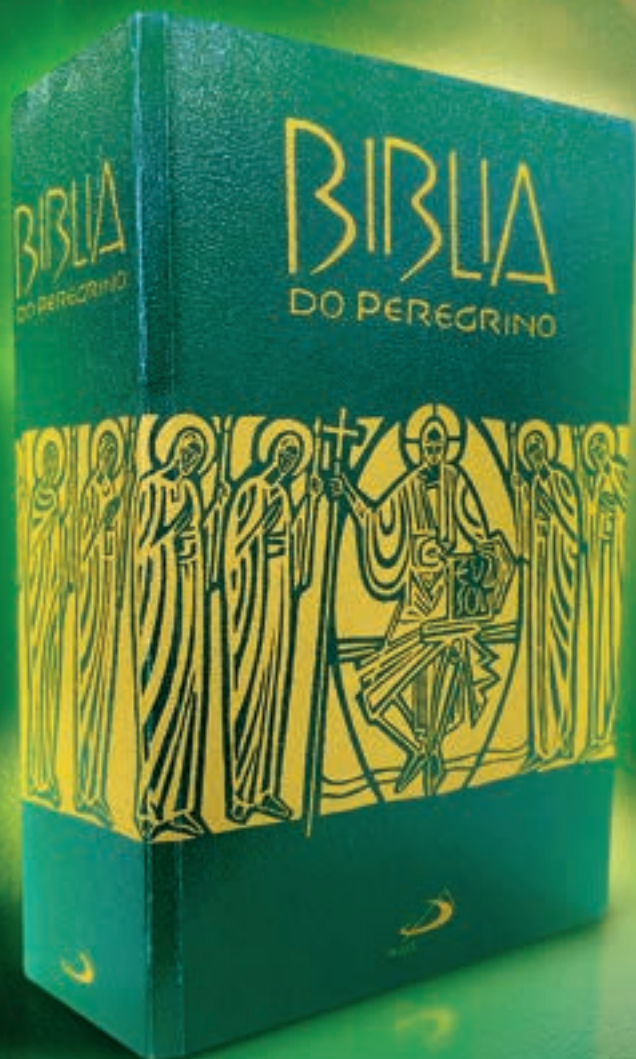


loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus



SINTA A PALAVRA. ✝

A Bíblia do Peregrino devolve a poesia e a profundidade à Palavra de Deus. Com a tradução única de Schökel e suas notas aclamadas, sua leitura e sua fé serão transformadas.



IDEAL PARA QUEM BUSCA:

- **Mergulhar** em notas ricas e profundas que iluminam cada passagem;
- **Experimentar** uma tradução de beleza poética que toca a alma;
- **Alcançar** uma oração mais íntima, profunda e contemplativa;
- **Aprofundar** seus estudos, catequese e pregações com uma fonte confiável.

Dê um salto na sua **jornada de fé!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



**ADQUIRA
JÁ**